

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	DOM_ADRIANO_HYPÓLITO_125.16
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém páginas sobre o Bispo Dom Adriano Hypólito. Total de páginas: 47
Dia/ Mês/Ano	1988
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veículas na imprensa brasileira e alemã, no ano de 1988, sobre a Diocese Nova Iguaçu, o Bispo Dom Adriano Hypólito e a Baixada Fluminense. Este conjunto documental contempla recortes jornalísticos sobre o Bispo, sobretudo entrevistas, dados biográficos e notícias do cotidiano que narram a sua trajetória eclesiástica. No que tange a Baixada Fluminense, há reportagens sobre o cenário de violência, fábricas e investimentos, mas também notas sobre a Diocese e eventos do período. Na língua alemã a fonte destaca notas sobre a vida do Bispo, a Diocese e a região.
Palavras-Chave	Baixada Fluminense; Dom Adriano Hypólito; Nova Iguaçu; Bispo



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



Notas explicativas	<p>A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.</p> <p>Lista das páginas em língua estrangeira: 14, 15, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 41, 43 e 44.</p>
---------------------------	--

90

Bibliothek

DOM ADRIANO HYPÓLITO

1988: Jan



Institut für Brasilienkunde
KI-BR 125.16
Bibliothek

06 10 10

Bibliothek
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEED

IM

D. Adriano: dados biográficos

- 1918 (18/01) — Nascimento em Aracaju, Sergipe.
 1925-1931 — Curso primário em Aracaju, São Cristóvão-Sergipe.
 1931-1936 — Curso secundário: Salvador-Bahia; João Pessoa-Paraíba e Rio Negro-Paraná, no Seminário Franciscano.
 1937 (14/01) — Recebe o hábito de Franciscano, em Pesqueira-Pernambuco.
 1937 — Noviciado em Pesqueira (PE)
 1938 (15/01) — Profissão de Votos temporários, em Pesqueira.
 1939-1940 — Estudo de Filosofia em Olinda-Pernambuco.
 1940-1942 — Estudo de Teologia em Salvador-Bahia.
 1941 (15/10) — Profissão de votos perpétuos, em Salvador-Bahia.
 1942 (18/10) — Ordenação Sacerdotal em Salvador: bispo ordenante Dom Frei Basílio Olímpio Pereira, bispo emérito de Manaus (1926-1941).
 1943 — Transferência para o Seminário Franciscano de Santo Antônio, em Lagoa Seca-Paraíba.
 — Conclusão do Estudo de Teologia, em Lagoa Seca (PB).
 1943-1948 — Professor de Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Música, Regente do Orfeão do Seminário Franciscano, em Lagoa Seca (PB).
 1945-1947 — Prefeito auxiliar de disciplina no mesmo Seminário.
 1948 (12/07) — Viagem para Portugal.
 1948-1951 — Trabalho de investigação da História da Igreja no Brasil e da História dos Franciscanos no Brasil, nos arquivos de Portugal, sobretudo Lisboa.
 1951-1961 — Professor de Português, Literatura, Latim, Alemão, Geografia do Brasil, História do Brasil, Música, Regente do Orfeão do Seminário Franciscano de Lagoa Seca (PB).
 — Prefeito de Estudos, no Seminário (1952-1960)
 — Prefeito de Disciplina no Seminário (1955-1957)
 — Definidor (Conselheiro) da Província Franciscana de Santo Antônio, Recife-Pernambuco (1952-1961).
 — Redator de um Folheto Vocacional chamado "Mais Vocações", Lagoa Seca (PB) e Salvador (BA) (1959-1965)
 1961 — Transferência para Salvador-Bahia.
 1961-1963 — Diretor Espiritual dos teólogos franciscanos, em Salvador, e do Seminário Maior da Arquidiocese da Bahia.
 1961-1962 — Visitador Geral da Província Franciscana da Imaculada Conceição e Visitador do Capítulo Provincial, em São Paulo (SP).
 1962 (22/11) — O Papa João XXIII o nomeia Bispo-Auxiliar de Salvador, Bahia, junto ao Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva.
 1963 (17/02) — Ordenação Episcopal na Igreja de São Francisco da Bahia, sendo sagrante Dom Frei Anselmo Pietrulla, então bispo de Rui Barbosa-Bahia e, D. Walfrido Teixeira Vieira, então bispo-auxiliar de Salvador.
 1963-1966 — Bispo-auxiliar do Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva e do bispo administrador-apostólico D. Eugênio Sales.
 — Atividades mais importantes: catequese, religiosas, crismas na Catedral, Seminário.
 1963-1965 — Participação no Concílio Vaticano II (três últimos períodos), em Roma.
 1966 (29/08) — Paulo VI o transfere para Nova Iguaçu.
 1966 (06/11) — Tomada de posse em Nova Iguaçu-Rio de Janeiro.
 1976 (22/09) — Seqüestro.
 1977 (outubro) — Membro do Sinodo Episcopal sobre Catequese, em Roma.
 1977 (10/10) — Recebe o título de Doutor Honoris Causa em Teologia, na Universidade Alemã de Tübingen.
 1979 (janeiro) — Membro da 3ª Conferência Episcopal Latino-Americana, em Puebla, no México.
 1986 (06/11) — Celebração dos 20 anos de bispo diocesano de Nova Iguaçu.
 1987 (14/01) — Jubileu de Ouro (50 anos) de Vida Religiosa Franciscana.
 (18/10) — Aniversário de Ordenação sacerdotal (45 anos).
 1988 (18/01) — Aniversário de Nascimento (70 anos).
 (17/02) — Jubileu de Prata (25 anos) de Ordenação Episcopal.



Ao timoneiro, firme no leme, os nossos parabéns.

Entrevista ao jornalista americano Ken Serbin
rua Hermenegildo de Barros 9/1201
Glória (tel. 232-3561)
20241 Rio de Janeiro

01 - Ken Serbin: O senhor se considera um bispo "progressista"? Por quê? Muitos chamam o senhor de profeta. Que significa isto para o senhor?

- Dom Adriano: Nunca tive a preocupação de me classificar e rotular. Os observadores é que o fazem. Creio que, nas linhas gerais, acertam. Mas é difícil acertar exatamente um julgamento global, sobretudo se considerarmos que, na atividade da Igreja, há um elemento imponderável e perturbador de toda classificação: a graça do Espírito Santo. Se me classificam de "progressista", no sentido de Paulo é verdade: o amor de Cristo nos força. Mas num "progressismo" de Igreja temos de verificar a fidelidade à Fé recebida dos apóstolos, a fidelidade à tradição autêntica, a fidelidade à Revelação de Jesus Cristo. E aí nos tornamos "conservadores". E aí descobrimos que somos, em certos aspectos, "progressistas" e noutros os outros - precisamente os fundamentais - "conservadores". Creio que o que nos faz "progressistas" e "profetas" é justamente a fidelidade a Jesus Cristo e à revelação que Ele confiou à Igreja. Paradoxalmente, quanto mais conservadores formos ao essencial da Fé, ao essencial da Revelação, tanto mais corajosos, avançados, progressistas seremos. Também no que toca ao "profetismo": não sei até que ponto a classificação é verdadeira. O que eu digo e faço provém do amor a Jesus Cristo e aos irmãos pequenos, precisamente aqueles irmãos pobres, frágeis, oprimidos com os quais Jesus Cristo se identificou. Basta recordar o célebre capítulo 25 de S. Mateus. A partir desse duplo amor, que, bem olhado, é um só, eu gostaria de orientar todas as minhas palavras e ações de bispo da Igreja, no final do século vinte e na Baixada Fluminense. Quando olho para dentro de mim mesmo, eu me sinto um cristão comum, um franciscano comum, um padre comum, um bispo comum. Não me sinto em nada diferente dos meus irmãos comuns.

02 - KS: Qual a sua visão da atual conjuntura da Igreja no Brasil? Refere-se às "cartas" de advertência de Roma para vários bispos, a nomeação de bispos "conservadores", a divisão da arquidiocese de São Paulo, a mudança da pastoral no Recife, as mudanças ocorridas em vários seminários e a relação entre a Igreja e o Estado. Favor de responder cada um destes pontos.

- DA: Os meios de comunicação exprimem, diariamente, a confusão do mundo de hoje e também do Brasil. É claro que uma Igreja encarnada, uma Igreja de homens concretos que enfrenta no terreno da Fé os problemas humanos, tem de sofrer também os efeitos da confusão, aparece em vários sectores da vida social como uma Igreja dividida e, por isto mesmo, perplexa. Cabe aos sociólogos estudar esses aspectos da Igreja e formular suas teses. Respeitando a missão dos sociólogos, que é também útil à Igreja, não podemos esquecer os aspectos profundamente eclesiais que nenhuma ciência humana pode perceber com seus instrumentos científicos, mas que são os aspectos decisivos: a dimensão da Revelação divina, a dimensão da Fé, o mistério pascal que é cruz e ressurreição, o mistério da salvação que se realiza por Cristo e pela Igreja. A luz da Fé nos permite considerarmos a atual conjuntura da Igreja no Brasil e no mundo, com tranquilidade e esperança, com otimismo e alegria. Os diversos pontos que você lembra, têm sido mencionados nos meios de comunicação social. Há muitos outros ainda. A Igreja - dizendo Igreja, penso na instituição como tal, incluindo assim a hierarquia, os fiéis, as estruturas etc, penso em todo o Povo de Deus como tal - a Igreja não é, não pode ser uma instituição estática, nem concluída, nem perfeita. Em todos os seus componentes divinos e humanos a Igreja é uma instituição dinâmica, viva, capaz de encarnar-se nas mais diversas situações concretas. Nossa Fé nos diz que ela tem a assistência do Espírito Santo que a preserva de infidelidade a Jesus Cristo tanto na sua essência como na sua existência. Aqui está o desafio: na sua existência concreta, aqui e agora, a Igreja pode, como Igreja de pessoas humanas, ceder à pressão das ideologias e dos acontecimentos e, assim, esmaecer a sua

missão e a imagem de Jesus Cristo. Sem farisaísmo lembro por ex. as Cruzadas que durante séculos empolgaram Papas e Reis, ansiosos de poderem esmagar pela espada a ameaça dos maometanos sobretudo nos Lugares Santos. Em parte falava a Fé. Em parte falava a ideologia do poder. É interessante que no princípio do século XIII o Papa Inocêncio III, talvez o Papa mais poderoso da História, ambicioso de realizar a supremacia papal sobre todos os Povos da Europa, tem a sensibilidade suficiente para valorizar um Francisco de Assis que, no seu temperamento, na sua vida, na sua maneira de viver a Igreja, era o antípoda de Inocêncio. Este e muitos outros exemplos históricos mostram de um lado a fraqueza da Igreja e do outro lado a presença do Espírito Santo preservando-a ~~de~~ de uma infidelidade total. Mostra que, em quaisquer situações, não podemos perder a confiança na força e na luz do Espírito, como Jesus Cristo mesmo o anunciou. Os sociólogos religiosos continuam livres para examinar os fatos da Igreja, para colocar suas teses, para fazer seus sistemas, mas quando se aventuram a prever o futuro, nunca deveriam esquecer o mistério da Fé que tem uma dinâmica toda própria.

03 - KS: A revista VEJA, e o jornal A Folha de São Paulo e outros órgãos da imprensa tem falado da carta de advertência que o senhor recebeu de Roma. Também é muito conhecido o conteúdo desta carta pelas cartas todas da sua diocese. A carta criticou a sua ação pastoral. Como o senhor responde às críticas da carta?

- DA: A carta que recebi da Sagrada Congregação para os bispos, de que é Prefeito o Cardeal Gantin, não se refere a nenhum ponto específico da Pastoral de nossa diocese. É uma carta geral, que poderia ser enviada a qualquer bispo, tocando dois pontos de real importância na vida da Igreja: a integridade da Fé e a fidelidade ao Magistério. Tenho consciência clara de que a Diocese de Nova Iguaçu é fiel ao Magistério e conserva, sem quebra, a fidelidade à toda a Revelação Divina.

04 - KS: Qual a sua opinião sobre o caso "Dom Pedro Casaldaliga"?

- DA: Meu irmão Pedro, a quem conheço e estimo, é um profeta (aqui eu posso julgar com mais clareza do que no meu caso pessoal) que ama enternadamente a Igreja. A Igreja como é na sua diocese de São Félix do Araguaia, uma diocese de mais de cem mil quilômetros quadrados com uns 150-200 mil habitantes, cortada de rios e de abandono, região enfeitada pelo poder público, índios sem direitos nem voz, posseiros entregue à própria sorte, com uns vinte padres, quase todos salesianos, com os desafios dolorosos para o coração de bispo que provêm todos da esquizofrenia social que entrava o desenvolvimento do Brasil. A situação precária de todas as estruturas sociais desperta no coração do apóstolo uma radicalidade que é a de Paulo, de um Domingos, de um Francisco, de um Inácio, de um João Bosco, de uma Tereza e de tantos profetas de ontem e de hoje. Mas é uma radicalidade evangélica e eclesial que se sente fiel ao depósito da Fé e ao Magistério. Sei de fonte segura que o Santo Padre estima Dom Pedro Casaldaliga. Sei que o profetismo de Pedro é autêntico, também quando se aplica à situação da Igreja. A incompreensão do momento, que às vezes foi interpretada ideologicamente, é o preço de toda profecia. Pedro sabe suportá-la como outro aspecto (muito doloroso) do mistério da Cruz que tanto pesa sobre os irmãos pequenos e humildes de São Félix do Araguaia.

05 - KS: Qual a sua opinião da carta aberta de cinco padres e cem leigos da sua diocese, criticando os cardeais Gantin e Ratzinger e publicada no jornal O DIA?

- DA: A declaração do Conselho Presbiteral, uns dias depois de O DIA, declaração que teve minha aprovação (naquele momento eu estava ausente da diocese), foi a palavra oficial de nossa diocese. Estamos todos em comunhão com o Papa. Os padres autores da carta, fizeram uma declaração: de que não pretendiam cortar as ligações com a Igreja, que está unidos ao Papa e ao bispo diocesano. Olhando meus vinte e dois anos de bispo de Nova Iguaçu, posso dizer que em nenhum momento pretendemos separar-nos da unidade com Pedro, esta unidade que é, afinal de contas, a garantia de nossa ministério eclesial, segundo a melhor tradição da Igreja.

06- KS: Qual a sua opinião da carta de agentes de pastorais recomendando aos fiéis que votassem no PT nas eleições de 15 de novembro passado?

- DA: A linha pastoral de nossa diocese, no que diz respeito à Política partidária, sempre foi esta: a diocese promove na medida do possível a formação política do Povo, já que na ignorância da Política, em seu sentido nobre e verdadeiro, está a porta aberta a toda sorte de manipulação ideológica. A formação política é parte integrante da formação pastoral do cristão. Sim, promove a formação política. Mas se abstém de qualquer posição em favor de qualquer candidato e de qualquer partido político. Usando o termo "agentes pastorais" da Diocese de Nova Iguaçu, os autores da carta deram a impressão de que sua preferência política comprometia a diocese. Sobretudo porque a carta saiu no jornal diocesano "Caminhando", sem qualquer ressalva ou explicação. Minha orientação para a diocese, orientação que é fruto de reflexão sobre o que é melhor para a Igreja, que é fruto de nossas experiências de Igreja nos tempos passados, que é fruto também de um consenso dos responsáveis pela Pastoral, continua sendo esta: a Igreja de Nova Iguaçu abstém-se qualquer ligação com determinado partido e determinado candidato; a Igreja de Nova Iguaçu não se identifica com qualquer tipo de Política partidária. Estou que a Igreja deve estar com Jesus Cristo e com o Povo, por isto mesmo independente de qualquer vinculação política, precisamente para defender sempre, com autoridade, a causa do Povo.

07 - KS: Há na Igreja agora uma "volta à grande disciplina" como escreveu o Pe. João Batista Libanio?

- DA: Não sei em que contexto o P. Libanio fez esta feferência. Para a Igreja de hoje e de todos os tempos a "grande disciplina" sempre tem sido e será o Amor. E Amor no duplo sentido: Amor a Deus que se realiza no Amor aos irmãos; e Amor aos irmãos que se alimenta do Amor ao Pai. Quaisquer perturbações deste uno e duplo Amor têm de ser corrigidas por uma volta mais intensa e profunda à mensagem e ao exemplo de Jesus Cristo, que é afinal de contas a pessoa de referência absoluta para a Igreja e para todo o que crê.

08 - KS: Qual o papel das CEBs na Igreja do Brasil de hoje? e na diocese de Nova Iguaçu?

- DA: Os teólogos das CEBs são já numerosos. Neles o conceito de Comunidade Eclesial de Base é variado. No meu entender a CEB quer ser e deve ser Igreja, na sua expressão mais simples. Enquanto na Igreja primitiva e hoje ainda em muitas regiões da Europa a paróquia era ou é essa expressão mais simples da vida e da organização eclesial, no Brasil e em outros países da América Latina, o fato de as paróquias serem muito extensas e muito populosas (em Nova Iguaçu a área das paróquias é pequena, mas as paróquias têm cerca de 35 a 40 mil habitantes em média) com a impossibilidade de serem bem atendidas, levou-nos a desmassificar a paróquia, a descentralizá-las para multiplicar os centros de irradiação evangélica, especialmente porque o Vaticano II insistiu na valorização dos leigos e do sacerdotio comum que cabe ao laicato. Podemos assim dizer que as CEBs não são apenas a maneira nova de ser Igreja, mas a maneira mais antiga. As CEBs são o esforço de a Igreja realizar-se como comunidade, o esforço de a Igreja voltar à sua primeira forma de paróquia - a paróquia-comunidade em que todos, unidos em torno do sacramento da reconciliação (a confissão) e do sacramento da unidade (a Eucaristia), se sentem irmãos e irmãs de maneira concreta na vida de cada dia. Aqui está o ponto de "estrangulamento": neste conceito cada CEB deveria ter um ministro ordenado da reconciliação e da Eucaristia. Mas não tem, já que a Igreja, desde cedo, foi ligando o ministério sacerdotal ao celibato; já que a Igreja na sua caminhada histórica ainda não descobriu a fórmula institucional de estruturar a paróquia urbana, tão difetente em tudo da paróquia rural, de tal modo que conserva nas cidades e mesmo nas grandes metrópoles a mesma estrutura simples da comunidade rural. Daí o descompasso em dois sentidos. Num primeiro sentido: as CEBs tentam substituir a paróquia, mas sem os dois sacramentos da reconciliação e da Eucaristia, daí a tendência a formar uma comunidade totalmente leiga, sem o ministro ordenado, leiga mais organizada, como a célula máter da Igreja. Num segundo sentido: as CEBs tentam criar um ministério novo, entre-gue a um leigo, mas imitando em tudo a organização clerical da paróquia. Acho

que nos dois sentidos a CEB tem um ^{aspecto} valor inidicativo de grande valor: quer ser Igreja, aponta num direção que seria talvez a proposta para uma Igreja que pode ser urbana ou rural, sem prejuízo nenhum para a essência e para a existência da instituição eclesial. Tanto na CEB que se organiza em Igreja sem a penitência e a eucaristia (porque não tem ministro ordenado) como na CEB que assume uma estrutura clerical sem o ministro ordenado, que pretende substituir a paróquia, há o perigo iminente de uma distorção. Como seria fácil, a meu ver, descobrir a solução que corresponderia às necessidades concretas, sem perigos particulares. Alguns teólogos propõem que a comunidade "ordene" padre algum dos seus leigos, classifiando-os assim para ministros da reconciliação e da unidade. Sem desconhecer o aspecto positivo desta proposta, podemos perguntar: em que se baseia teologicamente, para não ser praticada já antes por uma Igreja que, em regra, vive a Fé muito antes da Teologia. A mim me parece que a solução estaria em tirar da CEB alguém que a Igreja qualifique como ministro dos dois grandes sacramentos: uma pessoa de vida eclesial intensa, de bom nome, de boa aceitação, de boa formação (formação relativa à situação concreta da comunidade), que receba pela imposição das mãos a qualificação de ministro da Igreja. Enquanto isto não suceder, viveremos numa certa ambiguidade no que diz respeito às CEBs como Igreja. Sem a presença constante do ministro ordenado para a reconciliação e para a unidade, se dá a compensação através de uma organização, de uma clericalização dos leigos, de uma contestação da paróquia e da hierarquia. Para Nova Iguaçu, que com padres dedicados nas pouca numerosos se vê esmagada pelo peso dos desafios pastorais, as CEBs têm grande urgência, mas numa forma particular: não são substitutas da paróquia, mas são partes integrantes da paróquia que pelo número de habitantes não pode ser mais a CEB da Igreja primitiva; por isto mesmo têm no pároco a pessoa de referência. De outro lado as CEBs (de Nova Iguaçu) gozarão de liberdade estrutural, quer dizer: não se organizam, não estruturam, a não ser no mínimo, desde que garantam dois elementos essenciais de Igreja: a integridade da Fé e da Doutrina, a fidelidade à unidade da Igreja e ao Magistério. Isto enquanto o Espírito Santo não nos inspire a introdução de um novo tipo de sacerdote que possa atender melhor as necessidades dos novos tempos. Aqui apenas algumas idéias sobre um assunto que me preocupa muito, porque diz respeito à missão da Igreja e ao bem do Povo de Deus.

09 - KS: Qual a importância do 7º Encontro Interestadual das CEBs? O que fará a diocese para a preparação do encontro?

- DA: O fato de já se terem feito seis encontros de CEBs, de se organizar agora o sétimo, é um sinal de que são, no contexto geral da Igreja do Brasil, acontecimentos importantes. Quaisquer que sejam os diversos conceitos de CEB. Com a ~~boa~~ idéia particular de CEB, não tentei expor na sua pergunta anterior, estaremos lá com nossa representação. Segundo fixação da Comissão Organizadora do VII Encontro, mandaremos seis leigos, um padre e uma religiosa. São os representantes qualificados pela diocese, os representantes oficiais. Por conta própria, independentemente da organização, estou certo de que irão muitos padres, religiosas e leigos. Farei o possível para estar presente em todas as celebrações e sessões. Nossa diocese dá também uma contribuição importante (embora mais "material") para o bom êxito do VII Encontro: hospedagem e duas refeições diárias para cerca de dois mil participantes. Dom Mauro fica assim um pouco mais aliviado.

10 - KS: Qual o propósito do Sínodo Diocesano que está se encaminhando agora? Quando terminará o Sínodo? Como será feito o documento final do Sínodo?

- DA: O Sínodo Diocesano é um como Concílio de proporções diocesanas. Depois de vinte e cinco anos de trabalhos pastorais (a diocese foi criada em 1960), foi nascendo e crescendo a idéia de um grande levantamento ^{eclesial} pastoral. Na visita pastoral que fiz às diversas comunidades em 1960, por ocasião do jubileu de ~~prata~~ da diocese, fui descobrindo a necessidade do Sínodo, como instrumento pastoral. Lancei a idéia nas diversas comunidades. Aceitaram. Depois vieram as consultas aos diversos organismos da diocese. Aceitaram. De tal modo que em 18 de janeiro de 1987 pude lançar oficialmente a celebração do 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu com o tema: "Transmitir a Fé" e o lema: "A Baixada busca do Deus libertador", ambos escolhidos democraticamente pelos diversos organismos pastorais. O organograma previa quatro períodos: 1º período, lançamento do Sínodo pelo bis-

po em todas as paróquias, depois de ter sido proclamado solenemente em 18 de janeiro, isto durante um semestre; 2º período: o Sínodo nas Comunidades: para o trabalho dos agentes sinodais em nível de comunidades foi previsto um semestre, mas as circunstâncias pediram três semestres, particularmente porque para todo o desenrolar da Sínodo é de grande importância a contribuição das nossas bases pastorais; 3º período: começa em maio deste ano, a partir de um primeiro documento sinodal que será (está sendo) elaborado com as respostas obtidas no 2º período, documento que servirá de base para um primeiro esforço de sistematização, de enriquecimento, de propostas concretas; no 4º e último período, os sinodais, eleitos de acordo com as normas do Direito Canônico e do Direito particular de nossa diocese, farão o trabalho final, aproveitando todo o material sistematizado até agora, as contribuições das paróquias, outras contribuições enviadas por pessoas e instituições ou grupos, e desse esforço final sairá o 2º Documento Sinodal que será o instrumento de organização, de orientação, de referência para o trabalho pastoral de nossa diocese no futuro próximo. A duração do 3º período estará dependendo da própria dinâmica das assembleias paroquiais. O mesmo vale, especialmente, do último período, que é o Sínodo em nível de diocese. Quando o documento estiver maduro, será anunciado o encerramento do Sínodo e a promulgação dos Decretos e do documento final. Desde o início tive a preocupação de envolver tanto os padres como as religiosas e os leigos - todos eles expressão do Povo de Deus que tanto é sujeito como objeto das decisões sinodais. Estou certo de que o Sínodo produzirá frutos abundantes e duradouros, será fecundo para todos nós pessoalmente e pastoralmente. Neste sentido publiquei alguns artigos sintomáticos com os títulos: O Sínodo bole com o bispo; O Sínodo bole com os padres; O Sínodo bole com as religiosas; O Sínodo bole com os leigos. Todos que temos Fé e podemos assumir nossa missão de Igreja somos envolvidos pessoalmente, para que de nossa Fé aprofundada, intensificada, desenvolvida e aplicada na vida nasçam condições mais favoráveis ao nosso esforço pastoral. O tema e o lema do Sínodo dizem respeito aos fundamentos de toda Pastoral. A Fé e a procura, em espírito de Fé, de um Deus que liberte o seu Povo é o alicerce de nosso trabalho de Igreja. Se não tivermos Fé profunda e dinâmica e transbordante, corremos perigo de procurar qualquer tipo de ideologia que nos motive e dinamize. A Fé, no sentido do Evangelho de Jesus Cristo, é questão de vida e de morte para a atuação de qualquer comunidade cristã e católica. Espero que meus irmãos e irmãs que me ajudam a carregar o peso da Igreja de Nova Iguaçu, compreendam esta minha colocação e se engajem no Sínodo com humildade e esperança, com alegria e otimismo.

11 - KS: Qual o papel do leigo na Igreja de hoje? em Nova Iguaçu? Está mudando esse papel, ou se mantém igual ao mesmo modelo dos anos pós-conciliares?

- DA: Na valorização efetiva e na abertura para a colaboração dos leigos na Pastoral, segundo os documentos conciliares, tenho-me inspirado nos meus vinte e dois anos de bispo de Nova Iguaçu. A isto acrescento alguns momentos importantes do mistério da Igreja: considero Igreja, também a Igreja particular de Nova Iguaçu, como Povo de Deus, como família dos filhos de Deus, como corpo misterioso (místico) de Jesus Cristo. Esta conceituação que é bíblica, a um tempo cristológica e eclesiológica, me dá formidáveis impulsos pastorais. Partindo daí, me parece que sei descobrir o lugar hierárquico tanto do clero como do laicato, que sei valorizar um e outro; que é possível harmonizar, sem violência nem violentação, o ministério dos leigos (o sacerdócio comum de todos os fiéis) e o ministério dos presbíteros (sacerdócio ministerial específico). Seria longo citar as diversas tentativas de fazer o leigo participar com autonomia e liberdade na caminhada da Igreja de Nova Iguaçu. Há um esforço sincero para desmontar na Pastoral qualquer tipo de clericalismo (clericalismo é uma ideologia do poder clerical, não tem nada que ver e fazer com o ministério exercido por clérigos) e também de laicismo (que é uma vontade de poder da parte do laicato, em concorrência ou reação contra o clericalismo). Pode ser que, na minha convicção pastoral, eu tenha às vezes avançado na valorização dos leigos, por ex. quando na organização da Pastoral atribuí aos leigos comprometidos uma disponibilidade de tempo, de profissão, de qualificação que partia do modelo clerical. E então, por questão de justiça e de amor à casa do próprio latão foi preciso fazer pequenas modificações. Qualquer que seja a situação concreta, não tenho nada para corrigir na minha linha pastoral de olhar a Igreja como Povo de Deus, como família dos filhos de Deus, como corpo místico de Jesus Cristo. Daí parto para a valorização tanto dos padres como dos leigos, em harmonia justa para o bem do Povo de Deus.

quando, pela imposição das circunstâncias concretas, sou obrigado a fazer pequenas correções de curso", o que me move é sempre o desejo de aperfeiçoar nossas estruturas, para que saiam valorizados, harmonizados, integrados todos os membros do corpo místico de Cristo, todos os membros da família dos filhos de Deus, todos os integrantes do Povo de Deus com seus carismas, sua personalidade irrepetível e fecunda. Os resultados? Todo esforço de valorização e de integração ao mesmo tempo é uma aventura: pode dar certo, pode no momento não dar certo, pode ser modificado ou não. Uma ventura, um risco que o bispo deve assumir, para ser justo, isto é: para corresponder melhor ao grande projeto de Amor do Pai, do Filho e do Espírito.

- 12 - KS: O senhor tem quase 71 anos. Segundo o Direito Canônico terá que se aposentar em 4 anos. O senhor teme que seja nomeado um bispo novo que mude a linha pastoral que o senhor tão assiduamente cultivou nos últimos 25 anos? Por que sim ou por que não?

- DA: A resposta é um tanto complexa, por causa dos muitos elementos que envolvem a pergunta. Nos meus quase 26 anos de bispo, sobretudo nos vinte e dois vividos e sofridos na Baixada Fluminense, não paro um instante de procurar imitar o modelo de Jesus Cristo. Por isto mesmo não paro um instante de procurar na minha reflexão teológica e pastoral os aspectos fundamentais da vida, da doutrina, dos sinais de Jesus que os Livros Sagrados nos propõem. Daí nasceu a linha pastoral da Diocese de Nova Iguaçu, linha que propriamente é a convergência de muitas linhas a um tempo, bíblicas e cristológicas, cristológicas e eclesiológicas. A descoberta foi fruto da prática e da reflexão teológicas misturadas e interpenetradas. Talvez seja bom lembrá-las aqui: 1a - Somos Igreja que anuncia Jesus Cristo, como Salvador e salvação. 2a - Somos Igreja aberta à ação do Paráclito. 3a - Somos Igreja marcada pelo mistério da Páscua que é Cruz e Ressurreição. 4a - Somos Igreja a) Povo de Deus; b) família dos filhos de Deus; c) corpo místico de Cristo. Somos ou procuramos ser. A unidade e complexidade destas linhas juntam-se certezas humanas que mais ainda dificultam a resposta. Por ex. nos meus já vinte e seis anos de bispo tenho procurado fazer o que posso, com boa vontade e humildade. Sei que meu estilo pastoral é um entre muitos outros possíveis. Sei que cada bispo, como qualquer pessoa encarregada tanto das estruturas de Igreja como das estruturas humanas em geral, tem o seu estilo pessoal que marca, necessariamente, todos os aspectos da Pastoral. Sei que todo sucessor se vê diante de problemas sérios para assumir o estilo de seu antecessor e para, aos poucos, imprimir o seu próprio estilo, como não pode deixar de ser. Se o sucessor quer, de um dia para o outro, impor o seu estilo próprio, aí surgem dificuldades tremendas. Povo, como sucede tantas vezes na prática política, se o sucessor procura impor seu estilo, combatendo e destruindo o que o antecessor ensinou e fez. Tenho para mim que as dificuldades maiores, no caso de Nova Iguaçu, não provirão tanto das linhas pastorais - estas acho que todo bispo as aceita e quer praticar - mas da aplicação concreta das linhas na Pastoral. Aí só encontro uma solução: o sucessor respeitar e, por ora, guardar o estilo pastoral do antecessor, para modificar aos poucos o que foi feito em muitos anos de doação. Mas isto não é tudo: o Povo de Deus que está em Nova Iguaçu deve ter também compreensão para o fato de que o sucessor nunca poderá ser, mesmo que quisesse, um continuador tipo "mataborrão", de tudo aquilo que aconteceu no passado. Acho que a sensação, iluminada pela Fé no mistério da Igreja, será a solução. Meu maior receio está em que os agentes de Pastoral, acostumados ao meu estilo pastoral e pessoal, rejeitem a priori o estilo do sucessor e entrem na faixa da contestação. Por isto é bom que nos meus últimos anos de bispo em Nova Iguaçu eu esteja sujeito a um certo período de desmitização (!), para que assim cresça a esperança posta no sucessor. Depois também acho verdade que na diocese há muitas falhas e lacunas que precisam ser corrigidas, muita coisa que escapou ao meu olhar, muita coisa que me foi simplesmente impossível assumir ou enfrentar. O sucessor terá muito que fazer. Com a Fé que devemos ter no Espírito Santo e ajudado-o no que nos toca, olho o futuro com otimismo e esperança.

12a - KS: O senhor ainda tem esperança de receber a ajuda de um bispo auxiliar ou coadjutor? Quando chegaria tal auxiliar?

- DA: Conforme instrução da Santa Sé, o bispo que tem mais de setenta anos não recebe mais um bispo auxiliar, mas sim um bispo coadjutor que é sempre o sucessor.



Diante de mim vejo a possibilidade de pedir já agora o meu sucessor, para me ajudar nos últimos anos de meu episcopado e, de algum modo, ser introduzido nas linhas pastorais de nossa diocese. Mas vejo também a possibilidade de esperar até fazer os 75 anos, quando pelo Direito Canônico peço renúncia e entrego o meu serviço episcopal a quem for nomeado pela Santa Sé para me suceder. Tenho consultado bispos, padres e leigos. As opiniões são várias. Uns preferem uma coisa, outros preferem outra. Estou refletindo nas duas possibilidades. Quando tiver clareza, me decidirei.

- 13 - KS: Como o senhor vê o senhor a campanha presidencial brasileira deste ano? O senhor tem um candidato? Quem?

- DA: Vejo-a com simpatia e alegria. Desde 1964 é a primeira chance que têm os cidadãos brasileiros de escolher diretamente o seu Governo. Mas não esqueçamos o 25 anos de abstenção que o regime militar impôs ao Povo brasileiro e aos políticos. 25 anos são uma geração. Temos uma geração despreparada para o jogo político, para as lideranças políticas. O que poderá acontecer? Temos já uma pequena amostra nos muitos candidatos que surgem aqui e acolá, em todos os partidos. O eleitor se verá perturbado. Apesar de tudo é muito melhor correr o risco de eleger mesmo que não seja o melhor do que ser governado pelo candidato melhor dos ditadores e das oligarquias. Quanto ao meu candidato: vou votar num candidato que pareça o mais identificado com o Povo brasileiro. Dentro da orientação geral que mencionei anteriormente ninguém saberá em quem votei. Não posso dar a impressão direta ou indireta de que meu voto, desde que conhecido, aponta o candidato que os fiéis devem sufragar. Em todo o caso, espero que o Povo tenha aprendido das lições do passado e saiba agora escolher um bom candidato. Lamento, como disse, a confusão dos partidos numerosos e em parte vazios de uma filosofia política confiável. Nossos costumes políticos bem que mereciam a atenção de alguns brasilianistas.

- 14 - KS: Eu pessoalmente estou interessado nos Seminários diocesanos, para a minha tese de doutorado na Universidade da Califórnia. Tenho falado com especialistas sobre a formação, por exemplo com o Pe Antoniazzi, de Belo Horizonte. Gostaria de ter a sua visão sobre as casas de formação. Como vê a formação atual dos diocesanos? Qual a origem social deles? qual a teologia que aprendem? a linha pastoral que aprendem? São os candidatos hoje tão bons como antigamente ou são mais fracos, como têm observado alguns observadores dos Seminários? Quais mudanças precisam ter ainda os seminários?

- DA: Eu me sinto feliz em saber que você escolheu o tema "seminário" para a sua tese de doutorado. Porque o assunto é interessante. Importante. E, hoje em dia, difícil. Quero dizer: mais difícil do que antes do Concílio Vaticano II. Até o Concílio os seminários do mundo inteiro eram regidos por normas rigorosas, centralizadas, segundo um modelo europeu tridentino. Sem qualquer referência à situação concreta da Igreja local. Este centralismo dirigido facilitava a organização de cada seminário. Oferecia sólidos pontos de apoio aos educadores. Mas como falsificava a realidade das Igrejas particulares e das pessoas. Pensava-se numa unidade de formação às custas dos carismas e valores pessoais e nacionais. Eu que fui formado num seminário franciscano, nos quais apesar de mais humanidade eram seguidas as normas tridentinas; mais: eu que durante quinze anos fui educador e professor no seminário de minha província franciscana, estou em condições vantajosas para dar um testemunho que considero justo. O seminário tridentino oferecia muitos valores: espirituais, culturais, sociais e humanos. Mas tinha uma estrutura demasiadamente casernesca, pois ordem e disciplina eram os valores mais cultivados com ináustência. Mesmo a piedade, a formação espiritual, estava marcada desses valores militares, se assim posso e primir-me. A pessoa humana era falsificada, como se cada seminarista tivesse de sujeitar-se a uma fôrma única para poder ser padre. Em alguns seminários o seminarista menor de 11-12 anos recebia a batina logo no início do curso. Valorizava-se tanto a batina que nem mesmo para um jogo movimentado, como por ex. o futebol, o garoto podia trocar a batina por um calção. A correspondência era limitada e vigiada. Havia uma preocupação, certamente bem intencionada, mas exagerada, de acompanhar, de fiscalizar todos os aspectos da vida e da pessoa do seminarista, inclusive nas férias, na

familia. Alguns bispos e algumas Congregações Religiosas chegavam ao ponto de criar um "seminário de férias" para conservar os rapazes dentro da disciplina, para afastá-los dos perigos do mundo. No entanto os seminários formavam bons padres e também padres que, apesar das deformações do sistema pedagógico empregado, foram capazes de assumir um concílio de abertura e de atualização pastoral como foi o Vaticano II. Todos os bispos que participaram do último concílio foram formados em seminários tridentinos e, talvez por isso mesmo, souberam com a graça do Espírito Santo compreender o postulado de João XXIII e realizar um concílio ecumênico, um concílio de ajornamento que tem dado e dará muitos frutos de renovação profunda para a Igreja. O Vaticano II não esqueceu a formação dos padres. Os documentos conciliares, a começar do mais importante que é sem dúvida nenhuma a constituição dogmática "Lumen Gentium" e também do ^{decreto} especialmente dirigido para a formação sacerdotal "Optatum Totius", em todos os documentos conciliares há formidáveis sugestões e ensinamentos para os seminários. A visão pastoral da formação sacerdotal foi um passo extraordinário para a frente. Deus permitiu ^{que os seminários} também para o trabalho dos seminários católicos, aproveitar devidamente a doutrina do Vaticano II. Na Optatum Totius (nº 4) temos por ex.: "Toda a educação dos estudantes seja tal que neles se formem verdadeiros pastores de almas, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor". Rependo agora à sua pergunta, parte por parte.

- Minha visão sobre as casas de formação: apesar do esforço e da boa vontade, apesar da abertura incentivada pelo Vaticano II, estamos todos à procura de uma fórmula ideal para o bom desempenho dos seminários. É uma procura difícil e penosa de equilíbrio entre o rigor do seminário tridentino e o seminário d'linhação pelo último concílio. A Santa Sé está vigilante. Sente-se desafiada. Procura descobrir também os componentes de uma formação clerical equilibrada e orientada pela Pastoral. Temos de procurar e sofrer, um pouco em todos os seminários, até chegarmos ao verdadeiro equilíbrio pedagógico.

- A origem social dos seminaristas: tenho a impressão de que, como antigamente, predominam de longe os seminaristas que provêm das camadas mais humildes de nossa população. Por quê? Será que os pobres entendem e atendem melhor, com mais generosidade, o chamamento de Deus? Será que os pobres se sentem mais atraídos por um "status" mais elevado que só é possível aos pobres através do seminário? Serão as duas coisas juntas?

- A Teologia que se aprende nos seminários: creio que é a Teologia do Vaticano II, com influência certamente necessária da autêntica Teologia da Libertação. É impossível para formação dos futuros padres, esquecer a situação de opressão em que vivem os Povos latino-americanos. É impossível, em face dos problemas sociais que desfiguram a face de Cristo na face dos irmãos pobres e miseráveis, ficarmos limitados apenas a uma formação teológica de estilo europeu. Não se trata de misturar Teologia e Sociologia, como se ambas fossem uma e mesma ciência. Trata-se de aplicar à situação concreta dos irmãos esmagados pelo peso das injustiças sociais institucionalizadas a mensagem libertadora - de libertação total - que Jesus Cristo nos anunciou. Durante meu estudo de Filosofia, em Olinda, e de Teologia na Bahia estávamos totalmente ligados pelos professores, pelos manuais, pela orientação geral do estudo à Filosofia e à Teologia da Europa, sem que houvesse a menor preocupação com o pecado histórico da América Latina. Nossa Sociologia e nossa Dogmática fechavam os olhos inteiramente à provocação do pecado nas ruas do Recife e da Bahia.

- Qualidade dos candidatos: tem-se a impressão de que os candidatos de antigamente eram mais sólidos, mais bem preparados. Nos seminaristas de hoje, que não passam pela formação dos seminários menores, sentimos a falta de preparação básica, a falta de cultura geral, a falta de solidez, falhas múltiplas que se refletem no estudo tanto de Filosofia como de Teologia. Aliás, a formação deficiente dos candidatos ao Seminário Maior encontra-se em todos os sectores da Academia e da Universidade. Há muito doutor que não sabe escrever uma carta. Às vezes esta deficiência me parece levar, mais cedo ou mais tarde, a reintroduzir o Seminário Menor como instrumento de preparação adequada para o Seminário Maior.

- Mudanças que os seminários precisam sofrer: já me referi antes ao problema e ao desafio que representa hoje para a Igreja Universal, para a Santa Sé, mas também para a Igreja particular, para a diocese a formação dos seminaristas hoje. Como o sacerdote faz parte do ministério fundamental da Igreja, sendo assim indispensável para a caminhada do Povo de Deus, tenho firme certeza que, a duras penas, embora, chegaremos a descobrir os caminhos ideais da formação dos futuros padres. Contudo que, acertos à ação do Espírito Santo, soframos para encontrar a nova fórmula pedagógica.

- 15 - KS: Qual a missão mais importante da Igreja hoje, no Brasil e na América Latina?

- DA: Como sempre e em toda a parte a missão essencial da Igreja foi, é e será a evangelização, isto é: o anúncio de Jesus Cristo como salvador e salvação da humanidade, da pessoa e da comunidade humana. Mas na América Latina não pode faltar a evangelização integral a consideração de aspectos sociais que, via de regra, são em nossos países latino-americanos um tremendo desafio feito à Igreja. Precisamente porque o Brasil e os demais países latino-americanos foram civilizados pelas duas nações católicas da Península Ibérica, Portugal e Espanha, e porque com a colonização luso-espanhola a evangelização sofreu as consequências graves do poder político, cabe à Igreja o dever de corrigir os erros passados e tentar com a graça do Espírito Santo uma nova forma de evangelização que enfrente com decisão as injustiças sociais. De fato, depois de cinco séculos, a penosa esquizofrenia social da América Latina: de um lado uma sociedade elitista, de apenas cerca de 20-25 %, e do outro 75 a 80% de população marginalizada, o Povo que não goza de quase nenhum dos direitos humanos pregados pela ONU na sua Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de dezembro de 1948). A sociedade elitista goza de todos os direitos, de todos os privilégios, de todo o poder de comando e decisão, enquanto o Povo vive na pobreza e na miséria, sem participar em nada do poder decisório, sem ter nenhuma chance de quebrar os grilhões da escravidão social, sem ter nenhuma possibilidade de determinar o seu destino e de ser sujeito de sua história. Nossa Igreja católica tem de corrigir os erros do seu passado, tem de assumir como aspecto importante e decisivo da evangelização a integração do Povo marginalizado até agora no processo social. Mais do que qualquer instituição, melhor do que qualquer Governo a Igreja tem os instrumentos e recursos que apressarão a integração social do Povo da América Latina. Será um trabalho árduo, já que as elites, somente interessadas em seus privilégios, não têm interesse na libertação do Povo, não aceitam partilhar com o Povo sua cidadania monopolizadora. Sabemos que o Povo só confia na Igreja, e espera da Igreja a concretização da Teologia da Libertação na vida social. Ai da Igreja se perder esta chance, única na História, de contribuir pela palavra salvífica e libertadora de Jesus Cristo para a salvação integral do Povo. Se no Brasil terminou o Governo militar, contra o qual se aliam em determinados momentos a Igreja e os partidos de oposição, e as instituições liberais (por ex. OAB, IBA etc), continua mais grave do que a ditadura militar a opressão, a manipulação, a marginalização das camadas pobres e miseráveis da população, o chamado Povo. Acabou a ditadura militar (1964-1984). Não acabou, parece que se consolida sempre mais, o elitismo das elites da América Latina que escravizam o Povo de Deus. Lutar assim pela libertação do Povo, conseguir integrar o Povo no processo social entendido em seu sentido mais amplo, lutar pela cidadania do Povo manipulado, eis uma tarefa indispensável dentro da grande missão da Igreja que é evangelizar.

Adriano Hypolito OFM
bispo de Nova Iguaçu

Nova Iguaçu, 07/15-01-89

Caro Ken, demorou mais do que eu previa. Comecei no dia 07, aproveitei as folgas do meu dia de bispo e somente hoje, dia 15, posso dar o ponto final. Como as respostas foram formuladas aos pedaços, é possível que eu omita alguma coisa, é possível que eu me repita, é possível ainda que não seja claro, é possível enfim que eu não tenha entendido a intenção profunda de sua formulação. Seja como for, minha boa vontade, dentro do esquema breve de tempo, tentou corresponder ao seu pedido. - Desejando-lhe a bênção de Deus para o seu trabalho e pedindo-lhe uma cópia do que o National Catholic Reporter dos Estados-Unidos publicar, assino-me fraternalmente

+ Adriano Hypolito ofm

Nova Iguaçu, 15 de janeiro de 1989

Mudança de linha pastoral provoca

crise na diocese de Nova Iguaçu

DERMI AZEVEDO

Da Reportagem Local

As mudanças na linha pastoral da diocese de Nova Iguaçu (RJ) — considerada, até agora, um dos espaços mais "progressistas" na Igreja Católica do Brasil — estão provocando uma crise entre o bispo local, d. Adriano Hypólito; setores do clero; religiosos e leigos. A crise começou em junho do ano passado quando d. Adriano (que foi vítima de sequestro por um grupo paramilitar nos anos 70) recebeu uma carta de advertência do Vaticano, assinada pelo prefeite da Congregação para os Bispos, cardeal Bernardin Gantin.

A carta — considerada "rotineira" por alguns setores do episcopado — criticava d. Adriano, acusando-o de "fazer demasiadas concessões aos progressistas".

Três meses depois, cinco padres da diocese (Carlos César dos Santos, Geraldo Lima, Jorge Antônio dos Santos, Mauro Negrette Garcia e Mauro Oliveira) e mais de cem agentes pastorais enviaram carta aos cardeais Gantin e Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, solidarizando-se com o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga (também advertido pelo Vaticano).

Em novembro do ano passado, numa reunião do clero, d. Adriano criticou o envio da carta aos cardeais e a publicação de uma outra carta, feita pelos agentes pastorais, que recomendava o voto no PT, nas eleições municipais. O bispo considerou "desrespeitosa" a carta enviada a Roma e discordou da mensagem eleitoral, por entender que "a linha da diocese exclui a política partidária". D. Adriano disse, ainda, na reunião, que "não pode ser bispo de uma diocese em que não é mais sinal de unidade".

Em dezembro, d. Adriano acusou o padre Carlos César de ter "vocações para contestar" e lhe recomendou que não desse mais entrevistas à imprensa e que interrompesse seus escritos. O bispo afirmou, também, que o sétimo encontro intereclesial

das comunidades de base — marcado para julho próximo, em Duque de Caxias (RJ) — "não será uma atividade prioritária" para Nova Iguaçu.

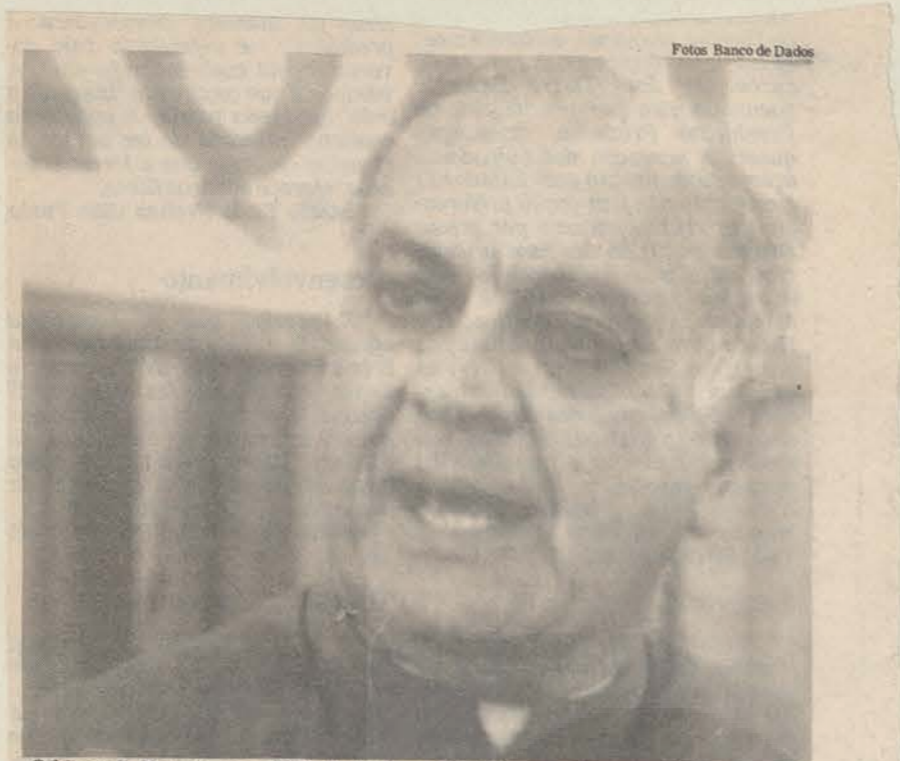
D. Adriano anunciou, paralelamente, uma "reorganização" da diocese. Em outro debate, os padres de Nova Iguaçu analisaram a crise e, mesmo sem unanimidade, concluíram que o Vaticano estaria pressionando os bispos em final de mandato — como é o caso de d. Adriano — para que os seus sucessores "encontrem as casas (as dioceses) em ordem quando assumirem".

Verdadeiros inimigos

Em janeiro, o pró-vigário geral da diocese, padre Bartolomeu Bergesi, entregou a d. Adriano a sua carta de demissão. Ele disse aos agentes pastorais que fez isto não para se rebelar contra o bispo local — que considera "um profeta" — mas contra os que chamou de "verdadeiros inimigos", entre os quais incluiu o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, d. Eugênio Sales, os cardeais Ratzinger e Gantin e, no plano político, o presidente José Sarney e o governador Moreira Franco.

Numa reunião do Conselho de Presbíteros (o colegiado de padres que dá assessoria direta ao bispo), na presença de d. Adriano, foram aprovadas várias medidas de "reestruturação" da diocese: mudança no regimento nas eleições para cargos diocesanos, a serem realizadas até o final deste ano; supressão dos cargos de pró-vigário geral e vice-coordenador da pastoral; exclusão do reitor do seminário das reuniões do Conselho Presbiteral; cancelamento da assembléia diocesana prevista para este ano; substituição, por padres, dos leigos que integram comissões diocesanas e diminuição do número de membros do Conselho de Presbíteros.

No final de janeiro, um dos assinantes da carta de protesto enviada ao cardeal Gantin — o frade franciscano Mauro Negrette Garcia — foi afastado da diocese de Nova Iguaçu por ordens superiores partidadas de sua própria ordem.



Fotos Banco de Dados

O bispo de Nova Iguaçu (RJ), d. Adriano Hipólito, que alterou a linha pastoral



O cardeal alemão Joseph Ratzinger



O cardeal Bernardin Gantin



D. Adriano confirma linha "progressista"

Da Reportagem Local

Em mensagem que está sendo distribuída em todas as paróquias e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da diocese de Nova Iguaçu (25 km do Rio de Janeiro), na Baixada Fluminense, o bispo local, d. Adriano Hypólito, franciscano, afirma que a linha pastoral diocesana baseia-se na "fraternidade evangélica" e na "opção pelos pobres". A carta pastoral representa uma resposta às denúncias feitas, no início deste ano, por um grupo de padres e leigos de Nova Iguaçu — publicadas pela Folha —, indicando que a Igreja dessa diocese estaria passando por uma "involução pastoral", ligada a pressões feitas sobre d. Adriano pela Cúria Romana.

Em sua carta pastoral, d. Adriano diz que o povo da Baixada Fluminense (uma das regiões mais empobrecidas e violentas do país) "sofre uma longa Sexta-Feira Santa, mas não perde jamais a esperança de ressuscitar com Jesus", acrescentando que "a vitória de Jesus sobre as ideologias do seu tempo, encarnadas nos fariseus e nos dominadores romanos, garante nossa vitória sobre as ideologias e os ideólogos de nossos dias". Em sua opinião, a fé permite que os cristãos sejam "capazes de resistir àqueles que pretendem seduzir, manipular, afastar-nos da unidade".

Referências

D. Adriano diz que a Igreja de Nova Iguaçu "só pretende servir e não veio para dominar e manipular", destacando que a pastoral "tem duas referências: Jesus Cristo, como referência absoluta em todos os tempos, lugares e circunstâncias, e o povo, como referência relativa". O bispo afirma, ainda, que, em 22 anos de trabalho na Baixada Fluminense, tem procurado favorecer "uma Igreja de irmãos que, como Jesus, prefere os irmãos pobres e pequenos".

Segundo d. Adriano, "não podemos admitir que, entre os filhos de Deus, existam as diferenças escandalosas que contradizem frontalmente o projeto de amor do Pai, que



D. Adriano Hypólito, de Nova Iguaçu

fazem vergonha ao nosso cristianismo acomodado e egoísta".

Comentando a crise pastoral em Nova Iguaçu, em carta enviada à Folha, a presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos dessa diocese, Sada Baroud David, e o vice-presidente, frei Luís Thomaz, afirmam que a diocese "é bem mais complexa, profunda e rica do que as confusões eventualmente produzidas por pequenos grupos, não representativos do que somos e do que queremos". Acrescentam ser "falsa a impressão de rebeldia geral na diocese e de decepção generalizada" com d. Adriano.

"Em nossa diocese não está havendo rebeldia geral e o que sucede é a reação particular, localizada, de um pequeno grupo, que fala e age em nome próprio. Deste pequeno grupo, a imensa maioria nem pertence juridicamente à diocese de Nova Iguaçu, pois é incardinada (lotada, segundo o direito canônico) em outras dioceses, e estão aqui como hóspedes nossos e de d. Adriano", dizem Sada David e frei Luís Thomaz.

Bischof Hypolito: Vergewaltigung und Mord sind an der Tagesordnung

Patrick Hoffmann lernt Not und Elend der Menschen in Brasilien kennen

Rheine. — Eine Informationsreise in den Nord- und Südosten Brasiliens machte jetzt ein Vertreter der Jungen Union Rheine: Patrick Hoffmann lernte während seines dreiwöchigen Aufenthalts Not und Elend in der brasilianischen Bevölkerung kennen. Ziel der Reise war es, die Wichtigkeit von Entwicklungshilfeprojekten gerade für diese Bevölkerungsschicht noch deutlicher zu erkennen, wobei das „die Verhältnisse in Lateinamerika besser kennenzulernen“, im Vordergrund stand, so der Sprecher der JU, „denn wir unterstützen finanziell ein Projekt der Don-Bosco-Salesianer in Santa Ana (El Salvador), ein Ausbildungszentrum für Jugendliche.“ Informationen über die soziale Situation in Brasilien bekam Patrick Hoffmann vom Bischof der Diözese Nova Iguaçu, Dom Adriano Hypolito, in der etwa zwei Millionen Menschen leben.

„Da ist vor allen Dingen die große Verunsicherung, unter der die brasilianische Bevölkerung zu leiden hat: Mordfälle und Vergewaltigungen gehören zur Tagesordnung. Hier in Nova Iguaçu werden täglich bis zu 15 Menschen umgebracht. Auch die Zahl der Entführungen, vornehmlich von Kindern, und die der Erpressungen nimmt ein unvorstellbares Maß an.“

Das mußte er auch schon am eigenen Leibe erfahren, als er vor zehn Jahren von sogenannten Todesschwadronen entführt wurde, die ihn später, mit roter Farbe übergossen, nackt auf die Straße warfen, weil er sich für die Armen und Schwachen in seiner Diözese eingesetzt hatte.

MV 25141 89



Im Auftrag der Jungen Union Deutschlands machte Patrick Hoffmann (rechts) von der JU-Rheine eine Reise nach Brasilien, um Möglichkeiten für gezielte Hilfsmaßnahmen zu erkunden. Links im Bild Bischof Dom Adriano Hypolito.

Aber nicht nur Gewalttätigkeiten bereiten dem Bischof große Sorgen, sondern auch die zunehmende Korruption. Ein Grund, warum er sich

auch nicht durch die brasilianische Polizei schützen läßt. „Da lebt man noch gefährlicher“, meint er und fügt bezüglich öffentlicher Gelder hinzu, daß diese oft in der eigenen Tasche von Verwaltungsangestellten verschwinden.

Das erscheint ihm vor allem deshalb sehr bitter, da große Teile der Bevölkerung um ihr tägliches Brot einen harten Kampf austragen müssen. „Die Mindestlöhne der Arbeiter liegen zwischen 50 und 80 Deutsche Mark“, so der Bischof weiter, „oft reicht das Geld nicht einmal für die notwendige Ernährung einer Person, geschweige denn für die Versorgung einer ganzen Familie. Viele Arbeiter halten sich mit Gelegenheitsjobs über Wasser, ein Arbeitslosengeld wie in Deutschland gibt es nicht. Wer nicht arbeitet oder keine Arbeit findet, steht am Rande des Verhungerns.“

Ein Großteil der Einwohner Brasiliens lebt daher auch in Elendsvierteln, den sogenannten Favelas. In Nova Iguaçu gibt es 77 dieser Elendsviertel mit etwa 400 000 Bewohnern, ein Fünftel der Gesamtbevölkerung. „Die Menschen“, führt Dom Adriano weiter aus, „besitzen keine Chance, einmal einen auch nur annähernd geregelten Lebensstandard zu erreichen. Sie sind für die brasilianische Regierung keine Menschen und daher auch in keiner Weise förderungswürdig.“

Umso wichtiger ist dort die Entwicklungshilfe, die von der Diözesanverwaltung geleistet wird. So werden derzeit in einigen Elendsvierteln Kinderhäuser, auch Kreschen genannt, eingerichtet, in denen die Kinder tagsüber betreut werden. Auch wird dort eine erste Alphabetisierung stattfinden. Große Bedeutung gewinnt die Errichtung von Gesundheitsposten, durch die die medizinische Versorgung der Favelabewohner verbessert werden soll. Gerade in den Favelas erzeugt unzureichende Hygiene, sanitäre Anlagen sind nicht vorhanden, viele Krankheitserreger.

(wird fortgesetzt)



In den Hütten der Armen: Auf engstem Raum lebt hier eine fünfköpfige Familie in einem 16 Quadratmeter großen Zimmer. Foto: Hoffmann



An die tausend begeisterungsfähige Jugendliche konnte Pater Wilhelm in diesem Jahr zu seinem Pfingstival begrüßen

staubt ist, sondern Freude macht", erklärte Pater Wilhelm die Intention des Treffens.

Dementsprechend begann der Tag mit einer Jugendmesse in der Klosterkirche, die durch eine Jugendschola aus Nordhorn musikalisch gestaltet wurde. Sie begeisterte die Gottesdienstgemeinschaft, es gab nach dem Gottesdienst stehend Beifall.

Danach stand die Aufführung des Rockmusikals „Euviva Giovanni“ auf dem Programm. Hierbei begeisterte die Gruppe Kontakte mit Sakropop vom Feinsten. In Euviva Giovanni geht es um das Leben des italienischen Jugendseelsorger Johan-

sich die Teilnehmer zum Motto des Treffens „Wer wird denn gleich in die Luft gehen!“ aktivieren.

„Eine faustdicke Überraschung“, wie es das Programm versprach, war ein (Telefon-)Live-Interview mit Dieter Kürten. Der Moderator des Aktuellen Sportstudios im ZDF ist durch seine christliche Grundeinstellung und kirchliches Engagement bekannt. Zwei Ballone stiegen am Ende des Feiertages mit den Gewinnern eines Umweltquizes und einer Losaktion in den Himmel.

Positive Reaktionen von den Teilnehmern: „Es ist eine tolle Atmo-



Fetzigen Sacro-Pop vom Feinsten bot die Musical „Euviva Giovanni“.

sphäre hier, man kann viele Leute treffen und wird wieder befähigt, sich in der eigenen Gemeinde einzusetzen“, erklärte Anneliese Kramer von der Nienborger Landju-

gend
chen
le Ju
nes
zu er

GN 17.05.1989
Medizinstation in Nova Iguaçu hat sich bestens bewährt

Ahaus. Der Aktionskreis Pater Beda weist die Bevölkerung von Ahaus, Alstätte, Wessum, Ottenstein, Wüllen, Graes, Heek, Nienborg und Asbeck darauf hin, daß die nächste Sammlung am 20. Mai 1989 stattfindet. Es wird darum gebeten das ganze Jahr hindurch Altpapier, Textilien und Textil-Abfälle für die Sammlung beiseite zu legen. Der

Erlös der nächsten Sammlung ist wieder für das Bistum Obidos bestimmt, in dem Bischof Lammers aus Nienborg wirkt, ferner für Sozialstationen in Nova Iguaçu bei Rio de Janeiro und für die Missionsstation von Pater Letschert aus Ahaus. Alle diese Stationen brauchen die finanziellen Mittel, die immer noch als Gewinn aus den

Sammlungen erarbeitet werden können, um wirksame Hilfe zur Selbsthilfe leisten zu können.

Aus Kostenersparnisgründen werden keine Plastiksäcke ausgegeben. Es wird darum gebeten, eigene Plastiksäcke oder Tragetaschen zu verwenden. Die Textilien können ebenfalls in Kartons verpackt wer-

den (entsprechend beschriftet). Alle Materialien mögen am 20. Mai um 13 Uhr gut verschnürt an den Straßenrand gestellt werden.

In den neuesten Briefen aus Nova Iguaçu berichtet übrigens Pfarrer Monteiro darüber, daß die Medizinstation, die weitgehend mit Medikamenten aus Ahaus versorgt ist, täg-

lich von Hunderten von Menschen in Anspruch genommen wird. Ebenso bewährt hat sich die Kindercreche in den Favelas, die mit Mitteln aus Ahaus ausgebaut wurde. Für solche und ähnliche lebenswichtige Projekte wird das Geld benötigt, welches der Aktionskreis Pater Beda erwirtschaftet.

Bispo de N. Iguacu afasta padre ameaçado de morte

O dia 31-05-89 Jangyr

ira, 31-5-89

NOVA IGUAÇU (Sucursal) - A crise na hierarquia da Igreja Católica começa a ganhar repercussões perigosas, inclusive com ameaças de morte a religiosos da Baixada Fluminense. Dez meses após ter encaminhado, junto com mais quatro padres e mais de 100 leigos, uma carta à Cúria Romana, de solidariedade ao bispo de São Félix do Araguaia (MT), Dom Pedro Casaldáliga (advertido pelo Vaticano), o padre Carlos César dos Santos foi excluído da Diocese de Nova Iguaçu, por determinação do bispo Dom Adriano Hypólito, e vem sofrendo ameaças de ser assassinado, caso não deixe a região.

A confirmação da exclusão do padre Carlos dos Santos, publicada no boletim diocesano de maio, foi feita ontem pelo próprio bispo, durante a reunião conjunta dos conselhos presbiterial e pastoral da diocese, realizada no Centro de Formação de Líderes. O padre é o segundo dos cinco religiosos assinantes da carta de protesto enviada ao cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação para os bispos, em Roma, a ser afastado de Nova Iguaçu. O primeiro foi o frade franciscano Mauro Negrette Garcia, no final de janeiro passado.

A reafirmação do afastamento de Carlos dos Santos, que alegava até então não ter recebido nenhum comunicado oficial de Dom Adriano Hypólito, deixou ainda mais tensa a reunião da qual participaram religiosos e agentes de pastoral. Um dos leigos chegou a questionar o bispo, afirmando ter informações de que o Conselho Presbiterial - que tem poder apenas consultivo - não tomou a decisão por unanimidade, como consta da informação publicada no boletim diocesano. O bispo, porém, ratificou sua decisão e aconselhou o agente de pastoral a questionar os padres que lhe teriam passado a informação.

Em seguida, padre Carlos dos Santos tomou a palavra e divulgou as ameaças sofridas, provocando um profundo silêncio na assembléia, que ouviu atenta o relato dos fatos, mas não teceu nenhum comentário. Segundo o religioso, por volta das 18 horas de sábado ele recebeu um telefonema anônimo, na voz de um homem, nos seguintes termos:

"O senhor receberá uma carta e, a partir do dia que recebê-la, deverá contar 10 dias para deixar Nova Iguaçu. Caso contrário tomaremos providências...."

Segundo o padre Carlos, este telefonema está em continuidade com uma série de outras ameaças que vem sofrendo há alguns meses.

Crise

A crise na Diocese de Nova Iguaçu - considerada até então como um dos espaços mais "progressistas" da Igreja Católica do Brasil - começou em maio do ano passado, quando Dom Adriano recebeu uma carta de advertência do Vaticano, assinado pelo prefeito da Congregação para os Bispos, Cardeal Bernardin Gantin.

A carta, que também foi enviada a outros bispos, como Waldir Calheiros (Volta Redonda), Dom Marcelo Carvalheira (Guarabira), Dom José Maria Pires (João Pessoa) e até o Cardeal Aloisio Lorscheider (Fortaleza), alertava para o perigo de "desvios da ortodoxia" e fazia duras críticas à "redução da fé ao compromisso sócio-político".

Desde então, o bispo de Nova Iguaçu (que foi vítima de seqüestro por um grupo paramilitar nos anos 70) vem promovendo profundas mudanças na linha pastoral da diocese, provocando insatisfação entre religiosos e leigos.

ita

Nova Iguaçu promove ato contra bispo

5/6/89
By

Um grupo de 15 pessoas ligadas à Igreja católica progressista e aos movimentos populares de Nova Iguaçu (Baixada Fluminense) divulgou carta manifestando-se contra a transferência para Nova Friburgo (Região Serrana), na semana passada, do padre Carlos César dos Santos, por decisão do bispo D. Adriano Hipólito. Eles também marcarão ato público para o próximo domingo, às 9h, em frente à Catedral do município, onde discutirão a decisão do bispo e as ameaças de morte que o padre vem recebendo, depois de cinco anos de trabalho comunitário na Baixada. O bispo justificou a medida afirmando que Carlos César estava mais preocupado com a situação da Nicarágua do que com o trabalho religioso na região.

"Causa-nos espanto a falta de posicionamento claro e decisivo por parte do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, visto que este, no passado, perseguido pela ditadura militar, deveria assumir esta causa como sua", diz a carta, que termina com a pergunta: "esta prática — de perseguição ao padre e falta de posicionamento diante do movimento de restauração comandado por Roma — é verdadeiramente a busca de um Deus libertador, como está no lema do Sinodo Diocesano?". O grupo refere-se à reunião bianual das comunidades católicas de Nova Iguaçu, onde são traçados os métodos de trabalho da diocese. Durante o ato público de domingo, será discutido o movimento de restauração, promovido pela ala conservadora da Igreja em Roma.

Polícia desmantela grupo

sexta-feira, 16/6/89 ○ Cidade ○ 5

de extermínio na Baixada

César Pinho

Quatro policiais militares, dois oficiais de justiça e mais dois integrantes de um grupo de extermínio que agia na Baixada Fluminense foram presos ontem de madrugada por policiais da Delegacia de Vigilância e Capturas de Nova Iguaçu, quando tentavam matar o biscoiteiro Edson Carvalho Policarpo, 20 anos, o *Gordinho*, a quem acusam de ladrão. O mandante do crime, o biroqueiro Francisco Paiva da Silva, 27 anos, o *Bom*, vizinho de Edson, fugiu, depois de assistir à prisão dos assassinos.

Os matadores trocaram tiros com policiais civis, que chegaram na hora em que o grupo saqueava e incendiava a casa do biscoiteiro, na Rua Gastão Reis, lote 18, quadra 11, Parque Suécia, em Belford Roxo. Os pais e irmãos de Edson fugiram para a casa de vizinhos. Ninguém dormiu e só houve tranquilidade quando o delegado de Vigilância e Capturas, Elson Campelo, voltou ao local com uma equipe de policiais para tentar prender *Bom*. Foram apreendidos seis revólveres calibre 38 e um de calibre 32 e mais de 100 balas, além de cartas anônimas endereçadas ao oficial de justiça da 4ª Vara Criminal de Caxias João Pedro Bueno, o *Pedro Capeta*, tratando-o como "chefe da polícia mineira".

Elson Campelo e o também delegado Pedro Paulo de Abreu comandavam 20 policiais em operação denominada *Pára Pedro*, na localidade de Três Setas, em Belford Roxo, para reprimir ações de grupos de extermínio. À meia-noite, Edson chegou correndo, pedindo socorro porque alguns homens armados invadiram sua casa para matá-lo e ameaçavam sua família.

Os bandidos ocupavam dois carros modelo Passat, um verde, de placa ST 1395, e outro vermelho, de placa WY 1269. No primeiro estavam PMs do 15º Batalhão (Caxias) Marivaldo de Almeida Magalhães e Waldecyr dos Santos, o oficial de justiça da 4ª Vara Criminal de Caxias Jorge Alberto Neves Bueno, o desocupado Heraldo Ribeiro da Costa e o conhecido matador da Baixada José Severino da Silva, o *Boca*. Marivaldo e *Boca*, armas em punho, bateram na porta dizendo: "Queremos o *Gordinho*". O

rapaz conseguiu fugir pelo telhado, quebrando a telha de amianto, e chegar aos policiais.

A mãe de Edson, Josefa da Silva Policarpo, 46 anos, pediu "misericórdia" para o filho e *Boca* gritou: "Cala a boca, piranha safada", disparando dois tiros que foram atingir a porta da casa. Mais recuados ficaram o PM Waldecyr, Jorge Alberto e Heraldo. Josefa e o marido, Darcí, aproveitaram a confusão formada com a fuga de *Gordinho* e saíram com os outros filhos — Alex, 4 anos, Viviane, 7 anos, e Edmilson, 18 anos — para a casa dos vizinhos Lourival e Maria José Santana.

"Mãos na cabeça, é a polícia", gritaram, ao chegar, os policiais civis, que, em resposta, receberam uma saraivada de balas. A casa pegava fogo e Darcí tentou salvar do incêndio objetos que os matadores ainda não haviam separado para roubar, mas acabou dominado por Heraldo, que, apontando a arma para a cabeça dele, exigia que permanesse em silêncio para não ser localizado.

Os policiais pediram ajuda pelo rádio e logo chegou reforço. O PM Marivaldo, *Boca* e Jorge Alberto foram presos na casa. Waldecyr foi apanhado tentando esconder-se na varanda de uma casa vizinha e Heraldo, na rua dos fundos. Logo depois das prisões, chegou ao local o Passat vermelho com *Pedro Capeta*, pai de Jorge Alberto, e os soldados Gilvan Gonçalves Alves, do 3º BPM, e Cláudio de Oliveira Thomaz, da 7ª Companhia Independente de Magé. "Posso dar um telefonema?", perguntou *Pedro Capeta*. O delegado quis saber para quem e ele respondeu: "Para o juiz Luis César Bittencourt, presidente do Tribunal de Alçada Criminal, muito meu amigo. Eu tenho 14 anos de serviço naquele fórum".

"Esse flagrante vem desmoralizar as afirmativas de que os grupos de extermínio que agem na Baixada Fluminense matam apenas bandidos. O que existe, na realidade, são grupos de assaltantes e homicidas, que, escondidos atrás de documentos oficiais, matam por empreitada e roubam tudo que for encontrado com a vítima ou na casa dela", disse o delegado Elson Campelo.

Juiz nega amizade com Pedro

O juiz Luís César Bittencourt, presidente do Tribunal de Alçada Criminal, disse que conhecia o oficial de justiça João Pedro Bueno, o *Pedro Capeta*, de Duque de Caxias, cidade em que foi juiz criminal por 13 anos, antes da fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. "Naquela ocasião, havia falta de serventuários e Pedro foi nomeado oficial *ad-doc*, tendo sido um funcionário exemplar", afirmou.

O magistrado negou ser protetor ou amigo do acusado, informando

que mantinha contato com *Pedro Capeta* apenas na época em que trabalhava na Baixada Fluminense. "Já saí de lá há oito anos e não tive mais notícias dele", garantiu o juiz Luís César Bittencourt. Ele disse, também, não ter recebido qualquer ligação telefônica do oficial de justiça preso como líder do grupo de extermínio.

"O que eu sei, são as notícias que estão chegando. Mas o Pedro não foi preso em flagrante. Ele soube da prisão do filho e foi a delegacia procurar informações. Acabou sendo preso. Os motivos eu não sei", disse o juiz.

Vítima tinha sido avisada

"Foi Deus quem me ajudou, foi ele quem me salvou", desabafou o biscateiro Edson Carvalho Policarpo, 20 anos, o *Gordinho*, na Delegacia de Vigilância, depois de se sentir seguro com a prisão dos assassinos. Ele confirmou que *Bom* contratou *Boca* para matá-lo por razões que não soube explicar. "*Bronca* de mim, aparentemente, ele não tinha, porque conversávamos normalmente e fiz muitos serviços de pedreiro para ele".

Gordinho disse que há um mês e meio esses matadores estão à sua procura. Na primeira vez, bateram em casa errada, na outra, dois sábados atrás, procuraram por ele em uma tendinha, mas com o nome errado. Os assassinos estavam no mesmo Passat vermelho utilizado ontem por *Pedro Capeta*. Um colega o alertou para ficar vigilante: "Os caras queriam me pegar". Perguntado se sabia que *Boca* era matador, respondeu: "Se crime de morte pagasse imposto, o *Boca* teria uma enorme dívida externa".



Gordinho: 'Fui salvo por Deus'

Assassinos bem documentados



Francisco Paiva

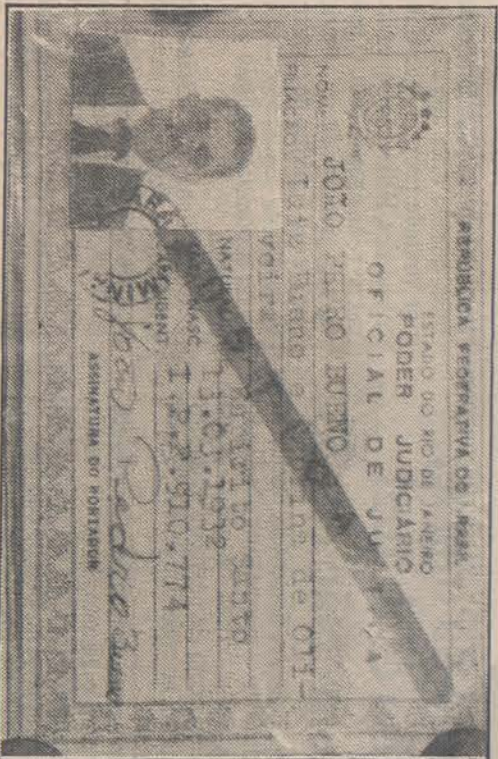
27 anos, conhecido no Parque Suécia como *Bom*, tem uma bitoca na Rua Terezinha e um avião na Estrada da Ligação, no mesmo bairro. Mora a menos de 50 metros de *Gordinho*. Quando os cúmplices foram presos, ele se aproximou, conversou com a mãe de *Gordinho* e logo se afastou, dizendo que ia levar ao médico sua mulher, Marlene dos Santos Silva, 23 anos. Mas fugiu, levando seu revólver e deixando a mulher, o filho de 3 meses e o Volks NW 2783. Marlene disse não acreditar nas acusações contra *Bom*, com que casou há cinco anos.



José Severino

24 anos, o *Boca*, é conhecido dos policiais da Delegacia de Vigilância e Capturas de Nova Iguaçu, bem como na 54ª DP (Belford Roxo). Esteve preso algumas vezes nesses locais e, segundo os policiais, responde a inquéritos por homicídio. Foi por seu intermédio que o Francisco Paiva da Silva, o *Bom*, contratou os matadores.

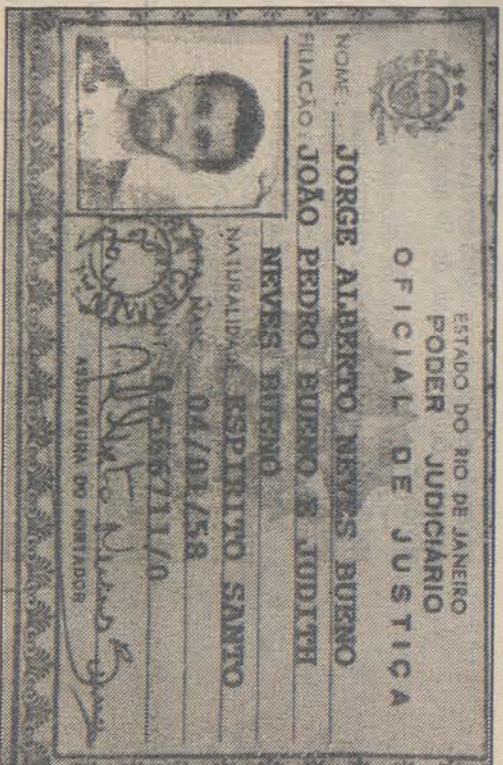
Ibbenbürener Volksbank AG Konto-Nr. 19 523



João Pedro Bueno

57 anos, conhecido em Caxias como *Pedro Capeta*. É o líder do grupo de extermínio que tem posto na praça de Gramacho, perto do Parque Suécia, e dono do Passat vermelho WY 1269. Recebeu em 22 de janeiro de 1987, do juiz da 4ª Vara Criminal de Caxias,

uma credencial de oficial de justiça, com direito a porte de arma "para defesa pessoal". Primeiro suplente do PTB em Caxias, disse ser muito amigo do presidente do Tribunal de Alçada Criminal, juiz Luís César Bittencourt.



Jorge Alberto Neves Bueno

31 anos, filho de *Pedro Capeta*, também tem credencial de oficial de justiça concedido pelo juiz da 4ª Vara Criminal de Caxias. Ele recebeu a cre-

dencial em 23 de junho do ano passado e estava no grupo que invadiu a casa de Josefa à procura de *Gordinho*. Como o pai, portava um revólver calibre 38.



Cláudio de Oliveira Thomaz

Casa de Anchieta, na Gávea com 21 anos, é o mais novo dos PMs

do grupo de extermínio de Gramacho, que se age em vários pontos da Baixada fluminense, especialmente em Belém do Roxo. É soldado desde 24 de maio de 1986, com registro geral na natureza.

— A Aids, por exemplo, não é castigo de Deus. É dos próprios homens que não fazem bom uso de seu corpo praticando o coito anal, que é contra a natureza.

A desorganização social é puramente resultado de erros humanos que, se Deus avalizasse, deixaria o mundo humano se aperfeiçoar e deixar de ser "impuro", deixar de "errar", isto é, de não seguir as normas cristãs.

Mas o próprio Hélio considera a religião "muito severa":

— Por exemplo, fora do matrimônio religioso não é lícita a união de homem e mulher. É difícil, é duro. Fui casado por 18 anos, desquitado 18 e estou viúvo há 18 anos. Isso depois de ter sido solteiro durante 18 anos, no tempo em que não conheci a moral católica. Mantive-me casto até hoje desde que me separei.

O desquite de Alaíde, sua mulher, foi em 1960, aos 56 anos, veio logo depois do desquite de sua filha única Iris: um casamento duro em que foi morar no consultório médico, só, brigado com a filha privada de ver os netos. Foi quando ele encontrou bijuterias roubadas de Gordinho e que pertencem à mãe do rapaz.

PM de número 47.813 e serve atualmente na 7ª Companhia Independente da Polícia Militar, no município de Magé (Grande Rio). Cláudio ficou furioso com os policiais civis que o prenderam, mas, quando percebeu que a situação era grave, emudeceu.



Waldecyr Santos

Com 23 anos, é o menos conhecido do grupo. Considerado o X-9 (informante) do bando, tem como ocupação esporádica serviços de segurança. Através dele, os policiais descobriram o mandante do crime. Ele negou ter recebido dinheiro para matar.

Heraldo Ribeiro

Com 23 anos, é o menos conhecido do grupo. Considerado o X-9 (informante) do bando, tem como ocupação esporádica serviços de segurança. Através dele, os policiais descobriram o mandante do crime. Ele negou ter recebido dinheiro para matar.

Saboya: punição exemplar

O secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, mandou enviar o inquérito da prisão em flagrante do grupo de matadores para a comissão especial que investiga a atuação dos grupos de extermínio. "É muito grave. Mais ainda por serem pessoas que, investidas para combater o crime, estão praticando o crime. Portanto, eles devem ser exemplarmente punidos", afirmou o secretário.

Saboya acredita que os policiais militares não constituem necessariamente a base dos grupos de extermínios, "apesar de existirem casos como os que a gente tem visto". Disse o secretário: "Há uma grande distorção, uma enfermidade social em determinados setores da sociedade", acrescentando: "Esses grupos gostam de fazer justiça com as próprias mãos e tem por objetos pequenos delinquentes ou pés-de-chinelo. Em geral, são matadores de encomenda."

O secretário defendeu o combate "a essas distorções", lembrando que muitas vezes "elas encontram respaldo em algumas áreas da sociedade, que acham que as coisas não devem se desdobrar como a lei manda: através de inquérito policial, pronunciamento do juiz e denúncia do promotor. Preferem queimar etapas e atuarem eles próprios como acham que devem." O secretário ressaltou que o mais importante é chegar aos mandantes.

Um das primeiras providências da Comissão Especial de Inquérito que apura crimes de grupos de extermínio será pedir exame de balística, para verificar se

as armas encontradas com o bando foram usadas em homicídios. Um funcionário da Secretaria de Polícia Civil disse ontem que as investigações serão feitas com calma, porque os envolvidos foram autuados em flagrante e o crime é inafiançável.

Instalada no terceiro andar do antigo prédio da Secretaria de Segurança Pública, na Rua dos Inválidos, em algumas salas do antigo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), a Comissão Especial de Inquérito tem como norma de trabalho o sigilo absoluto nas investigações. A comissão é presidida pelo delegado Hélio Tavares Luz, que tem como auxiliares direto os delegados Carlos Alberto Barcelos e Luiz Gonzaga de Castro, antigo titular da DV-Baixada e atual diretor da Divisão de Homicídios.

Entre os crimes solucionados pela comissão está o assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabo Frio, Sebastião Lan, morto por causa de problemas de terra. Uma das razões para o sigilo no trabalho da comissão é a dificuldade de convencer as testemunhas a depor, pois elas temem represálias de policiais eventualmente envolvidos nos crimes. O major Carlos Alberto de Souza Luzis, chefe interino do Setor de Relações Públicas da PM, disse que os soldados Marivaldo de Almeida Magalhães, Waldecyr dos Santos, Gilvan Gonçalves Fontes e Cláudio de Oliveira Thomaz serão expulsos, se for comprovada sua culpa.



Com Waldecyr, José Severino, Pedro Capeta, Jorge Alberto, Marivaldo, Cláudio e Gilvan, a polícia apreendeu 7 armas e muita munição

Os missionários da

A maioria dos padres da Baixada vem de países

Tim Lopes

Esperança. Essa é palavra mágica a que se apegam 92 padres — dos quais 51 estrangeiros, vindos de locais tão distantes e diferentes como a Irlanda e as Filipinas — para pregar o Evangelho aos quase 4 milhões de habitantes da Baixada Fluminense. No 7º Encontro de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que começa hoje em Duque de Caxias, com cerca de 2 mil convidados de todo o Brasil e representantes de países do 1º e 3º mundos, uma das intenções é justamente a de não deixar que aquela palavra perca o sentido numa região de extrema violência e pobreza.

Só a esperança arraigada em profundo sentimento religioso pode explicar porque homens como o belga Renato Stomacq, padre formado na secular Universidade Católica de Louvain e membro da Congregação da Imaculada Conceição de Maria, que tem sua sede nos arredores de Bruxelas, trocam as facilidades da civilização europeia pela trágica realidade da Baixada. Vigário-geral da Diocese de Nova Iguaçu, com 15 anos de Brasil e há oito na localidade

de Austin, uma das mais violentas do Grande Rio, ele diz que a salvação está no povo e não nas elites: "A Igreja não quer dinheiro, não quer poder. Quer, isso sim, a partilha, a vida plena, a dignidade."

Seu pensamento é basicamente o dos outros 50 estrangeiros, que vieram, recém-formados, suprir a carência de sacerdotes no Brasil, convidados pelo bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, e de Caxias e Meriti, Dom Mauro Morelli, em suas andanças pelo mundo.

Subperiferia — "O Brasil é a periferia do 1º Mundo e a Baixada é a periferia do Brasil", diz o padre irlandês Brian Colgan, 42 anos, da paróquia da Imaculada Conceição, que mora há sete anos na Vila São Luís, em Caxias. Seu rebanho é de 100 mil pessoas. Nascido em Dublin, ele imaginava um Brasil de sol, palmeiras, samba e futebol e ainda se impressiona com o cenário que escolheu para viver: "As crianças nascem e crescem achando que a vida é isso, essa falta de tudo, essa miséria, essa brutalidade."

O padre Brian questiona a ação da Igreja para mudar essa realidade. Diz

que ela ainda não conseguiu um instrumental para influenciar decididamente na vida das grandes cidades. Historicamente, segundo ele, a Igreja consegue mais frutos no seu trabalho no campo, onde as populações lutam para não perder suas raízes.

O coordenador de Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu, o padre italiano Bruno Constanzo, natural de Fossano, a 20 quilômetros de Turim, diz que tem vergonha de sentir saudade do clima dos Alpes diante dos problemas que conhece na Baixada, onde está 11 anos. "A matança, a ofensa à vida criam o medo e a desconfiança e dificultam os laços entre as pessoas. É difícil ter esperanças, mas a garra com que as pessoas lutam pela vida, a vontade de viver, faz com que valha a pena ajudá-las."

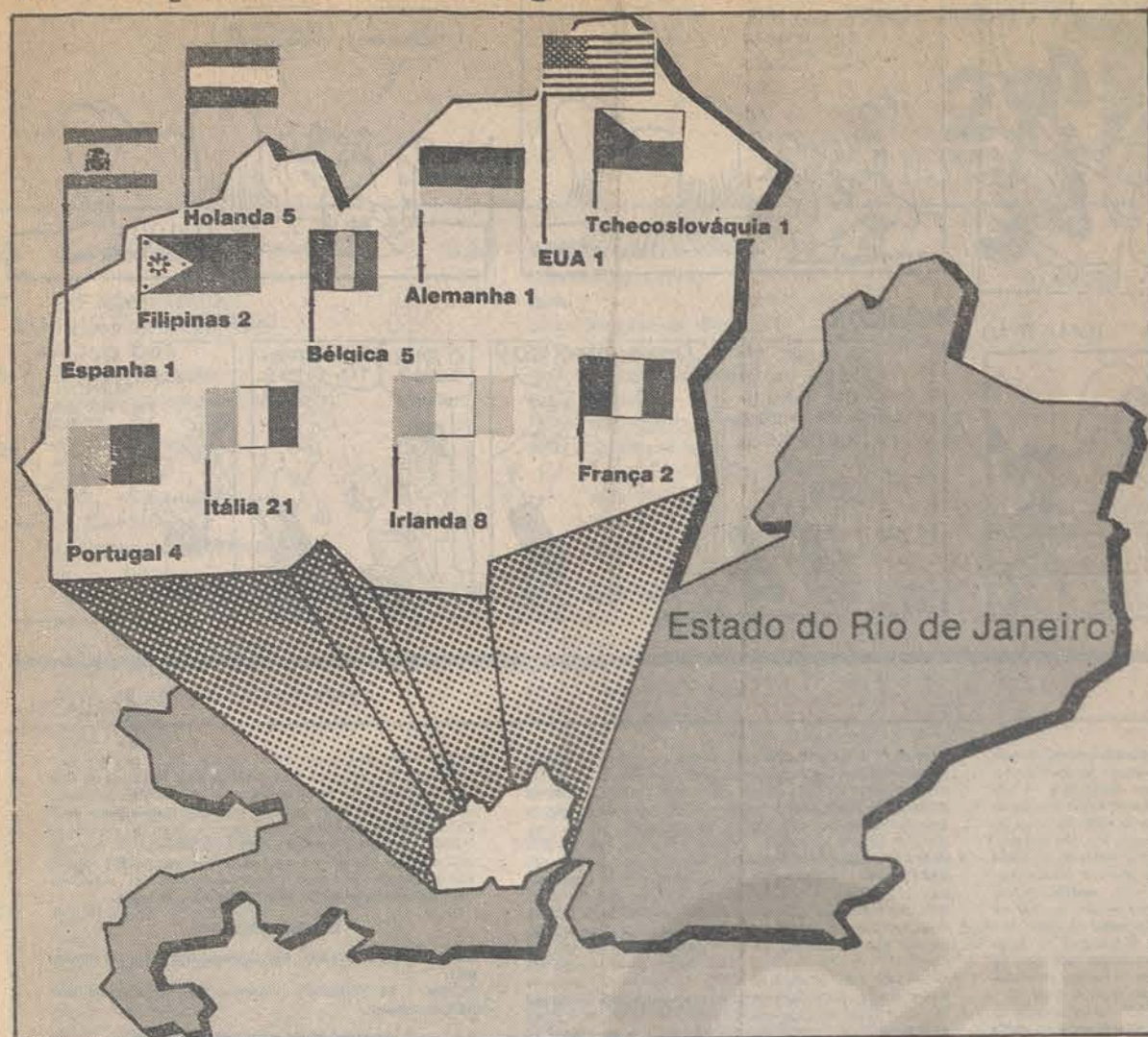
"Eu nunca tive vontade de voltar para Fossano", garante o padre Bruno. E explica: "A Baixada é, por um lado, um símbolo do desgoverno do país, mas, por outro, na miséria provocada por esse desgoverno percebe-se quanto é grande a força dos pobres."

Entusiasmo — Frei Davi Raimundo dos Santos, da Igreja de São

esperança

pouco habituados à miséria

Nº de padres estrangeiros na Baixada



□ Na Diocese de Nova Iguaçu, com população de 1,8 milhão de habitantes, há 42 paróquias e 400 Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Dos seus 60 padres, 27 são brasileiros e 33 estrangeiros: 11 italianos, 4 holandeses, 4 portugueses, 4 belgas, 3 irlandeses, 2 franceses, 2

filipinos, 1 alemão, 1 espanhol e 1 norte-americano. A Diocese de Caxias e Meriti, com 1,5 milhão de habitantes, tem 18 paróquias, 220 CEBs e 32 padres, dos quais 14 brasileiros e 18 estrangeiros: 10 italianos, 5 irlandeses, 1 belga, 1 tcheco e 1 holandês.

Mitarbeitern eines Kinderkurheimes
in Hainrode/Mecklenburg-Vorpommern
darin:
13.00 Nachrichten, Wetter
13.57 Werbefunk

João Batista, em Meriti, e assessor nacional da Comissão dos Religiosos, Seminaristas e Padres Negros, diz que "a ausência de padres no Brasil é escandalosa." Segundo ele, para atender aproximadamente 90 milhões de católicos existem no país 12.700 padres, enquanto a Igreja Batista tem 17 mil pastores para 2 milhões de fiéis.

A carência de mão-de-obra religiosa explica também porque a Igreja tem incentivado cada vez mais o trabalho das Comunidades de Base e a formação de Clubes de Mães e Pastoris Operárias, do Menor, das Favelas e outros agrupamentos de leigos preocupados em influir nas soluções dos grandes problemas a partir da ótica da fé. Com os padres brasileiros e estrangeiros, serão centenas de pessoas discutindo a partir de hoje, no 7º Encontro, temas como *A Presença da Igreja nas Grandes Cidades*, *A América Latina a Caminho da Libertação* e *Os Cristãos e o Conflito na Relação de Trabalho*.

Nascidos e criados na Baixada, os padres Expedito Santana e Fernando José dos Santos Teixeira, da Diocese de Caxias e Meriti, acham que a Bai-

xada é o Brasil em miniatura. Para o diácono Paulo de Oliveira, a saída é refletir "a palavra de Deus através dos movimentos populares. A esperança é acreditar e isso não implica numa transformação imediata. Ainda teremos muitos anos de luta", diz ele, entusiasmado com o 7º Encontro, cuja preparação movimentada há um mês os grupos religiosos na Igreja de Santo Antônio, sede da Diocese.

É o mesmo entusiasmo do padre filipino Rodolfo Ramos, 37 anos, da Igreja de São Francisco de Assis, em Morrão Agudo, que veio do outro lado do mundo para viver na Baixada, onde diz que aprende muito mais do que ensina. No início, ficou um pouco assustado, com toda a razão: foi assaltado quatro vezes. Mas agora não tem mais problema e nos fins de semana promove grandes pagodes na paróquia. Colocando um chapéu com o nome de seu país, única lembrança que guarda da terra natal, o padre Rodolfo define: "Acho esse povo muito mais feliz. Com todas as dificuldades e no meio de tanta miséria, esse povo não perde a esperança."

Ligações

1971.10.189 4B

perigosas na Baixada

Contravenção e clientelismo são 'moedas' usadas por alguns dos políticos para garantir votos

Marceu Vieira

Jogo de favores, corrupção, tráfico de influência e ligação com o jogo do bicho são práticas comuns de políticos da Baixada Fluminense, segundo maior colégio eleitoral do Estado. O advogado Paulo Leone, por exemplo, desconhecido até se eleger em 82, teve seu mandato de prefeito de Nova Iguaçu cassado por desvio de verbas e fraude em licitações públicas. Outros, como os deputados Messias Soares, de Caxias, e Simão Sessim, de Nilópolis, se nunca tiveram a honestidade questionada, mantêm conhecido relacionamento com a contravenção — os dois são parentes de banqueiros.

O sumiço do vereador Luiz Antônio Novais, provável vítima de seqüestro, ilustra bem a confusão que se faz entre crime e política na Baixada. Nessa galeria existem personagens tão poderosos quanto Gilberto Rodriguez, de Nilópolis, que exerce influência sobre o Detran e a Polícia Civil — seja postulando a nomeação de delegados, seja impedindo a repressão ao estacionamento em frente a casas noturnas. Ou como Hideckel de Freitas, de Duque Caxias, herdeiro dos votos e do clientelismo de Tenório Cavalcanti, que há duas décadas dominava o eleitorado de Caxias com sua *Lurdinha*, metralhadora da qual não se separava. Hideckel é acusado de ter um cassino em Minas Gerais.

Na Baixada, político que não segue a fórmula do clientelismo e da comunhão com o jogo do bicho quase sempre tem o mesmo destino — o fracasso nas urnas. O vice-governador Francisco Amaral é bom exemplo. Líder da resistência contra o regime militar em Nova Iguaçu, nos anos 60 e 70, Amaral saiu perdedor de mais de uma eleição. O ex-deputado Jorge Gama, companheiro do vice-governador no antigo MDB, é outro colecionador de derrotas. Candidatos de partidos de esquerda mais ortodoxa, como PT e PSB, jamais conseguiram adesão popular.

Alguns têm menos sorte ainda, como mostra reportagem publicada no **JORNAL DO BRASIL** do dia 10 de outubro de 1977: "Em extrema miséria e apresentando sinais de desnutrição, faleceu ontem, na Casa de Saúde Santa Cecília, em Caxias, o ex-vereador Francisco Gonçalves Moura, um dos mais conhecidos políticos deste município entre os anos de 1951 e 59, eleito quatro vezes consecutivas pela legenda da extinta União Democrática Nacional (UDN). O político foi encontrado por um de seus poucos amigos, perambulando pelas ruas. Penalizado, o amigo providenciou a internação, pois seu organismo estava debilitado pela desnutrição e anemia aguda. Francisco ficou internado em estado grave. Apesar dos esforços dos médicos, não resistiu".

Aqui, uma pequena galeria dos políticos da Baixada.

Uma região em busca de um projeto

César Maia *

A Baixada Fluminense, em outra época, foi parte integrante da unidade econômica do Rio de Janeiro. A paisagem do café era também a sua. O deslocamento do café para São Paulo redefiniu o nosso espaço econômico: o distrito federal se urbaniza e se industrializa. O interior se pecuariza.

A urbanização da capital federal, seu intenso crescimento, foi redefinindo cruelmente a identidade de seu entorno. A unidade anterior é rompida. O desenvolvimento do Centro vai produzindo uma periferia como seu contrário. A Baixada Fluminense se transforma em cidade-dormitório para os que produzem a riqueza no centro. A lógica urbana do Rio se impõe: transporte (Central do Brasil) para trazer e levar mão-de-obra/dragagem... para a ocupação do solo (loteamentos).

A Baixada perde sua identidade. Passa a ser a contraface do desenvolvimento. Ela mesma introjeta a idéia de periferia. Sua representação política tenoriza-se. E ainda não

era tudo! A deseconomia da aglomeração urbana do Rio realociza indústrias na periferia. A Baixada se industrializa, mas ainda não ganha identidade. Pior: dualiza-se. Passa a combinar uma indústria moderna com uma população submetida à miséria social.

As elites que comandam o giro das máquinas aí não vivem. As elites empresariais locais, formais e informais, são basicamente comerciais. E assim mesmo uma parte delas não tem na Baixada a sua principal residência. O mesmo acontece com a sua representação política, que descola-se de seu ambiente e atua através de um clientelismo remoto. As exceções reforçam as regras.

A violência como ambiente traduz o esgotamento de um ciclo: a Baixada não aceita mais permanecer como apêndice, como contraponto e, socialmente, como resíduo do desenvolvimento. Precisa encontrar a sua identidade. Precisa romper o dualismo. Sua face política exige a distritalização do voto (com garantia de residência firme). Sua face econômica exige desenvolvimento que a integre.

A Baixada não é um bairro pobre em busca de obras. A Baixada é uma região em busca de um projeto.

* Deputado federal do PDT e economista.

Gilberto Rodríguez



Nos bastidores do governo Moreira Franco, Gilberto Castro Rodríguez, 54 anos, é um dos políticos mais poderosos. Não é diretor de trânsito, mas manda no Detran. Não é delegado, mas influi na Polícia Civil. Rodríguez viveu em Nilópolis até 1980, quando realizou seu sonho de novo rico — mudar-se para o condomínio mais luxuoso da Barra da Tijuca, o Atlântico Sul, de frente para o mar, na Avenida

Sernambetiba. Agora, só aparece na Baixada em época de eleição. Foi prefeito e vereador de Nilópolis, sempre com o apoio do bicheiro Aniz Abraão David, mas não se tem notícia de grande obra sua no município. Chaguista, certa vez disse conhecer a Baixada "melhor que qualquer cientista político". É presidente da Assembleia Legislativa e deputado há cinco legislaturas.

Paulo Leone

Filho de pais humildes, sem qualquer tradição política na Baixada, o advogado Paulo Leone é mais conhecido pela fama de desonesto que por suas realizações na Prefeitura de Nova Iguaçu. Leone se elegeu na onda brizolista de 82, mas logo deixou o PDT. Passeou por diversos partidos, até estacionar no PFL, em 87, quando começaram a pipocar acusações de corrupção em seu governo. Nem sua família escapou da fúria

dos adversários. Da primeira-dama ao filho caçula, todos foram acusados. Pouco antes de sua cassação, em 88, o vereador Mauro Vasconcelos chegou a sugerir a prisão dos Leone por "formação de quadrilha". Mas o afastamento do cargo não seria o fim. Logo ele voltaria ao noticiário, avisando que sua família estava ameaçada de morte. Dias depois, o genro é um amigo seriam assassinados.



Simon Sessin

Uma reliquia do coronelismo é mantida no menor município da Baixada, Nilópolis, feudo indissolúvel da família David. Ali, nada se decide sem a bênção dos donos da cidade — Aniz, Simão, Miguel, Jorge, Nelson e Farid, descendentes de libaneses. Desde o início da década de 70, eles se sucedem nos principais postos do município, legais ou ilegais. Na legalidade, Simão Sessin foi o que voou mais alto: elegeu-se constituinte, pelo PFL, com

50.082 votos. Seu primo, Aniz Abraão, o Anisio da escola de samba Beija-Flor, conseguiu notoriedade no lado oposto: o da contravenção. Mas, na prática, a ação comunitária dos dois é movida pelo mesmo motor — o favor político. Em Nilópolis, quem gosta dos David tem emprego e água encaçada em casa. Quem não gosta, amarga a ausência dos serviços de uma Prefeitura pobre e inoperante.



Ernani Boldrim

O empresário Ernani Boldrim é um dos muitos políticos da Baixada que não costumam medir gastos em época de campanha. A diferença entre ele e os outros é que nunca conseguiu se eleger — o máximo a que chegou foi a uma suplência de deputado federal pelo PMDB, em 86. Freqüentador de festas promovidas pela alta sociedade de Nova Iguaçu, Boldrim concorreu duas vezes a prefeito da cidade, em 82 e 88. Na primeira tentativa,

aconselhado por amigos, mudou-se para o bairro proletário de Morro Agudo, onde pretendia conquistar a simpatia das classes baixas: aos domingos, liberava o campo de futebol de sua mansão para quem quisesse; durante a semana, quando necessário, emprestava seu aparelho de telefone para a vizinhança pobre. Inútil. Depois de consecutivas derrotas, Boldrim desistiu e foi morar na área nobre da cidade.



Fábio Raunheitti

Dono de um complexo de faculdades em Nova Iguaçu, Fábio Raunheitti é novo em política, mas não pode ser chamado de político novo. É herdeiro dos votos e da prática clientelista do irmão, o deputado Darcilio Ayres, morto em 86. Exerce seu primeiro mandato, como deputado federal do PTB. O desempenho na estréia não é dos melhores: na Constituinte, por exemplo, ganhou nota 1 do Diap (Departamento In-

tersindicção de Análise Parlamentar), que avaliou a posição de cada deputado nas questões referentes aos direitos e garantias dos trabalhadores. Eleito com votos da Zona Sul, onde possui imóvel, Fábio se notabilizou ao comprar briga com o vice-governador Francisco Amaral, em 87 — queria colocar seu nome nas placas de realizações do Governo do Estado na Baixada, contra a vontade de Amaral. Saiu perdedor dessa briga.



Hydeckel de Freitas

Se não chegou a herdar a metralhadora *Lurdinha* do sogro — o temido Tenório Cavalcanti, dono de Caxias nos anos 50 e 60 —, Hydeckel de Freitas pelo menos se apossou dos votos e da política de favores. Ele é casado com uma das filhas de Tenório, de quem teria ouvido no dia do noivado: "Minhas meninas não se separam: ficam viúvas." Seu primeiro mandato foi o de deputado estadual pelo extinto Partido Republicano, em 1963. Com o

golpe de 64, acomodou-se na Arena. Gozou de tanto prestígio no regime militar que, em 82, foi presenteado pelo presidente João Figueiredo com o cargo de prefeito biônico de Caxias. O sopro democrático que abriu caminho para a eleição de Tancredo Neves levou Hydeckel a pular do barco da ditadura para subir nos palanques da Nova República. Hoje, ele é cabo eleitoral de Colôr de Mello na Baixada.



Aluisio Gama

Vaidoso a ponto de submeter-se a cirurgias de implante de cabelos, o prefeito de Nova Iguaçu, Aluisio Gama, é um estrangeiro na Baixada. Pelo menos até se eleger, morava na Barra da Tijuca (Zona Sul do Rio). Os adversários dizem que, se o deixassem sozinho no centro da cidade que administra, ele não saberia sequer chegar à Prefeitura. Por isso, logo depois da posse, em janeiro, resolveu percorrer caminho in-

verso ao da maioria dos políticos iguaçuanos — deixou seu apartamento na Barra e mudou-se para a Baixada. A atitude de Gama, um carioca bem sucedido na administração de colégios em Nova Iguaçu, foi saudada por companheiros de partido, mas torpedeada pela família. Resultado: o prefeito montou casa na Baixada, sem conseguir se desfazer do apartamento do Rio. Gama é chaguista histórico convertido ao brizolismo.



João Batista Lubanco

O advogado João Batista Lubanco, 59 anos, é o típico político profissional. Começou a vida pública por uma *canetada* do presidente Médici, que o nomeou interventor do regime militar na Prefeitura de São João de Meriti, em 1970. Dois anos depois, filiado à Arena, elegeu-se vice-prefeito de Nova Iguaçu na chapa encabeçada pelo professor Joaquim de Freitas. Com a renúncia de Freitas, em 75, virou prefeito. O primeiro teste nas urnas foi

em 78, quando conquistou, com 22 mil votos, uma cadeira na Assembleia Legislativa. A morte do regime militar — e o conseqüente enfraquecimento da direita civil que apoiava a ditadura — levava Lubanco a se filiar ao Partido Popular, PP, fundado por Chagas Freitas. Gosta de dizer que era "arenista dissidente, seguidor de Teotônio Vilela". Hoje, preside o PMDB em Nova Iguaçu.



Messias Soares

Corre na Assembleia Legislativa do Rio a história de que, na última sessão de 1984, festiva e solene, o líder do PT, Liszt Vieira, catucou discretamente o colega do lado e perguntou, intrigado: "Quem é aquele *baixinho* ali, na primeira fila do plenário?". O *baixinho* era Messias Soares, deputado do PDS, filho do maior contraventor de Caxias, o *banqueiro* de jogo de bicho Antônio Soares. A história, confirmada por Liszt, define bem a atua-



ção política de Messias, que na época revidou a crítica com verdadeira pérola: "Prefiro ser despachante das bases a ficar de conversa fiada no plenário." Três anos depois, eleito constituinte, sua fama de *gazeteiro* voltou ao noticiário, dessa vez em levantamento do deputado Paulo Delgado (PT), apontando os parlamentares que mais faltaram às sessões. Messias encabeçava a lista.

Denoziro Afonso

Desvio de verbas, fraude na assinatura de vales, emissão de cheques sem fundos e adiantamentos irregulares para empreiteiras. Com ficha policial comparável à de qualquer criminoso do *colarinho branco*, Denoziro Afonso, velho político do MDB da Baixada, ainda lutou para se manter no cargo de prefeito de São João de Meriti, em 1976. Adepto do clientelismo, prática comum na Baixada, Denoziro desafiou o

Conselho de Contas dos Municípios a comprovar as denúncias. Não deu outra. Foi cassado logo depois. Mas ele não seria o único prefeito destituído na história de Meriti. Oito anos mais tarde, Manuel Valência Passos, eleito pelo PDT, seria afastado pelo próprio governador Leonel Brizola, sob a acusação de fraude na folha de pagamentos do funcionalismo. Denoziro e Valência sumiram da vida pública.



Baixada Fluminense tem 6 assassinatos por dia

Da Sucursal do Rio

Nos seis primeiros meses deste ano, 1.044 pessoas morreram assassinadas nos quatro municípios que formam a Baixada Fluminense —uma média em torno de seis mortes por dia. Deste total, 183 eram menores. Apenas 750 casos foram registrados nas delegacias da região. Estes dados fazem parte de um levantamento elaborado pela Comissão Justiça e Paz de Nova Iguaçu e pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Duque de Caxias, os dois maiores municípios da região.

Fernando Gonçalves Rodrigues, 29, organizador dos dados da pesquisa, diz que a opinião mais frequente entre os moradores da região com relação aos crimes é que "bandido tem que morrer". O pesquisador afirma que "na realidade, já há pena de morte Baixada", referindo-se aos grupos de extermínio.

A Baixada Fluminense, conhecida como a região mais violenta do Estado do Rio, é formada pelos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis e São João do Meriti. Com uma área total de 1.262 quilômetros quadrados e população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em três milhões de habitantes, a região fica a cerca de 30 km do centro do Rio.

A coleta de dados para a pesquisa foi feita a partir de depoimentos das famílias das vítimas às comissões de direitos humanos, do registro nas delegacias e das notícias nos jornais locais. "Poucos inquéritos foram abertos para apurar essas mortes", afirma Rodrigues. A Secretaria Estadual de Polícia Civil ainda não dispõe de dados sobre

Nova Iguaçu é o maior município

Da Sucursal do Rio

Mais de 60% dos moradores da Baixada Fluminense vivem do comércio —não só o formalmente estabelecido em lojas, mas também o comércio ambulante. Quase 50% da população tem renda variando entre um e dois salários mínimos (entre NCz\$ 381,00 e NCz\$ 762,00). Nova Iguaçu, o maior dos quatro municípios, é o nono maior município do país em população —quase 1,5 milhão de habitantes.

A Baixada tem o segundo maior colégio eleitoral do Rio: 1,8 milhão de eleitores, o que representa mais de 20% do eleitorado do Estado.

De acordo com dados do

censo demográfico de 1980, cerca de 17% da população local com mais de 15 anos são analfabetos e apenas 18,7% da população com mais de 15 anos têm oito ou mais anos de escolaridade. Para atender quase três milhões de habitantes, a Baixada conta com seis hospitais públicos, o que faz com que grande parte de seus moradores recorra a hospitais do Rio. A taxa de mortalidade infantil chega a 8,9 óbitos em cada 100 crianças com até 1 ano. Nova Iguaçu tem cerca de 800 indústrias e Duque de Caxias possui uma refinaria da Petrobrás (a Reduc). A Baixada não conta com nenhum parque ou reserva biológica nacional ou estadual.

a criminalidade na Baixada este ano.

A crescente violência na Baixada Fluminense está causando um outro problema apontado pela pesquisa: Segundo Rodrigues, a população vive em "estado de sítio" forçado, trancando-se em suas casas e saindo cada vez menos à noite para reuniões nas associações comunitárias, por exemplo. "Com isso, diminui o espaço para discussões que poderiam tentar solucionar o problema e há um consequente enfraquecimento dos movimentos populares", diz ele.

O levantamento feito pela Comissão Justiça e Paz de Nova Iguaçu e pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Duque de Caxias já foi encaminhado para instituições como a Anistia Internacional, Caritas, o Partido Verde alemão e a Pax Christie.

Esta última instituição já está preparando uma comissão para vir ao Brasil no início do próximo ano com o objetivo de percorrer a região e preparar um outro relatório.

Os dados da violência na Baixada Fluminense foram divulgados também na Itália pelos bispos Mauro Morelli e Adriano Hipólito. Até o final do ano, as organizações envolvidas no levantamento devem realizar uma análise mais completa dos dados coletados —relatando o número de inquéritos abertos e o total de casos solucionados.

Para coletar um maior número de informações, além de dados mais precisos, serão criadas comissões nos quatro municípios da Baixada, para receber essas informações diretamente dos moradores.

Região tem segundo colégio eleitoral do Rio

Da Sucursal do Rio

Como segundo maior colégio eleitoral do Estado, a Baixada Fluminense faz e desfaz políticos. Alguns, como o deputado estadual Gilberto Rodriguez (PMDB), que tem em Nilópolis seu grande número de eleitores, conseguem chegar ao quinto mandato consecutivo e ocupar o cargo de presidente da Assembleia Legislativa. Outros, como o ex-deputado estadual Paulo Leone, eleito pelo PDT em 1982, não têm o mesmo destino: ele foi cassado do cargo de prefeito de Nova Iguaçu em 1988, devido a acusações de corrupção.

Outros, ainda, não escondem sua ligação através de laços familiares com a contravenção. É o caso dos deputados federais

Simom Sessim, eleito pelo PFL, e Messias Soares, do PDS. Sessim tem seu reduto eleitoral em Nilópolis, município movido pela força de seu primo, o banqueiro do jogo do bicho Aniz Abraão David, mais conhecido como o "Anísio da Beija-Flor", escola de samba que preside. Messias Soares foi eleito com os votos de Duque de Caxias, município onde seu pai, Antônio Soares, controla o jogo do bicho. Messias ficou conhecido também, durante os trabalhos do Assembleia Constituinte, por ser um dos deputados mais ausentes do plenário.

Há também aqueles que conseguem se eleger sem nunca terem vivido na Baixada, como o atual prefeito de Nova Iguaçu, Aluísio Gama (PDT), ligado ao governador Chagas Freitas no

início da década de 80 e que mais tarde se bandeou para o brizolismo — o que o fez conseguir cargos como administrador de regiões na capital do Estado, onde é proprietário de uma rede de escolas em subúrbios da zona norte. Apesar de prefeito de Nova Iguaçu, Gama continua morando na Barra da Tijuca, zona sul do Rio.

Já Hydeckel de Freitas, prefeito de Duque de Caxias, herdou o poder político de seu sogro — o ex-deputado Tenório Cavalcanti, o "homem da capa preta", que ficou conhecido nacionalmente por andar sempre acompanhado de sua metralhadora "Lurdinha". Há poucas semanas, Freitas aderiu ao PRN e hoje é o principal articulador da campanha de Collor na Baixada.



Policiais armados realizam busca na Baixada Fluminense, conhecida como a região mais violenta do Estado do Rio



Família de moradores da Baixada Fluminense procura material aproveitável em área usada como depósito de lixo

Baixada Fluminense recebe

Brasil

segunda-feira, 13/11/89 □ 1º caderno □ 3

Brizola em clima de paixão

Com a paixão de torcida de time de futebol ou devoção religiosa, o candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, foi recebido ontem em seu reduto na Baixada Fluminense por centenas de milhares de pessoas que cantaram e gritaram, às vezes em delírio, o nome de seu líder nas mais de 30 ruas por onde a carreta dos pedetistas passou em Caxias, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu, municípios situados numa área de 1.262 quilômetros quadrados na periferia do Rio. Nessa região, um dos maiores bolsões de pobreza do país, habitada por quase três milhões de pessoas, moram cerca de 1,5 milhão de eleitores.

A carreta deveria começar às 9h, mas só teve início duas horas e meia depois, quando Brizola chegou à Penha, onde a militância pedetista estava concentrada em frente ao Hipermercado Porção. O candidato do PDT, na carroceria de uma caminhonete, seguiu pela Avenida Brasil e Rodovia Rio-Petrópolis até Caxias, onde começou a percorrer as ruas esburacadas da Baixada Fluminense, seguido por uma interminável procissão de carros que, por quatro horas e meia, rodaram 37 quilômetros até a Praça Santos Dumont, em Nova Iguaçu, onde foi realizado um comício para 200 mil pessoas, segundo os organizadores, ou 20 mil, na estimativa do Capitão Adilson, do 20º Batalhão da PM. Os jornalistas calcularam que havia 60 mil.

Égua — Carros, motocicletas, ônibus, bicicletas, triciclos, homens, mulheres e crianças seguiam correndo a caminhonete que levava Brizola em meio ao corredor humano que se formou nas ruas por onde a carreta passou, engarrafando as principais vias da Baixada Fluminense. Em Duque de Caxias, Brizola passou a ser "escortado" pelo pernambucano Dário César da Silva, um franzino serralheiro de 48 anos, mais conhecido como *O Bem Amado*, que montado na sua égua *Carmosina*, se protegia do sol com um chapéu preto e passou a cavalgar ao lado da caminhonete onde estava Brizola.

O deputado estadual Carlos Corrêa, um dos organizadores do evento, disse que a carreta deve ter sido assistida por um milhão de pessoas. Os pedetistas distribuíram 200 mil panfletos e colocaram 100 faixas nas ruas para anunciar a carreta. Também foram distribuídos 30 mil cartazes com o retrato do Brizola, 100 mil adesivos, 500 camisetas e três mil bandeiras.

Triciclo — Entre os anônimos personagens que seguiam a carreta estava Iara Mendes, uma gaúcha vestida a caráter — de chapéu preto, lenço vermelho no pescoço, blusa azul-clara, calça branca com listras azuis e vermelhas e botas pretas. Cabelos brancos, idade que "é um segredo da firma", ela disse que é atriz, mora na cidade de Maricá e vai diariamente à Brizolândia (Centro do Rio) fantasiada de gaúcho para ajudar seu candidato.

Num triciclo, com os seus dois filhos — William, de um ano, e Daiana, de três —, o mecânico de refrigeração Celso Francisco Nunes, 33 anos, acompanhou a carreta desde a Penha até Caxias. Brizola chegou às 15h50 na Praça Santos Dumont, em Nova Iguaçu, onde fez um rápido discurso, de 20 minutos, no palanque montado defronte a um orfanato. "Só o PDT tem coragem de fazer comício aqui", vangloriava-se Ormison José Fernandes, do diretório do PDT de Nova Iguaçu, antes de Brizola chegar. Segundo ele, nenhum outro candidato fez comício na Praça Santos Dumont, de 10 mil metros quadrados, preferindo a Praça da Liberdade, que é menor.

No entanto, a praça ficou ocupada somente até a metade. O capitão Adilson, do 20º BPM, disse que se a praça estivesse repleta, haveria 40 mil pessoas. "Mas como está parcialmente tomada, calculo que cerca de 20 mil pessoas estão assistindo ao comício", afirmou.

Pintinhos — No palanque, montado pela empresa Estub, cabiam 100 pessoas. A empresa Ria Som instalou 43 caixas pela praça. Segundo o dono da empresa, David Avelar, — que garantiu ter feito o trabalho de graça para o PDT — a potência do som era de 15 mil watts. A segurança foi feita por 30 homens da Defesa Civil do município, e por 30 PMs, além de 10 homens do Corpo de Bombeiros.

O evento teve uma característica especial: muita gente circulava pelas ruas adjacentes à praça, a maioria com algum tipo de propaganda do candidato na roupa, indiferentes ao discurso de Brizola. A Pizzaria Realce, ao lado do local do comício, estava lotada de pedetistas, com bandeiras e cartazes nas mãos, que bebiam cerveja e refrigerantes enquanto o candidato falava.

Os comerciantes fizeram a festa. Vendiam algodão doce, chicletes, aviõezinhos de plástico, e até mesmo pintinhos, estes por NCz\$ 2,00 cada um, o mesmo preço de um refrigerante. Militantes convocavam as pessoas para ajudarem a fazer boca-de-urna no dia da eleição e distribuíam panfletos com mensagens contra o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello: "Collor é como camaleão. Muda de cor conforme a situação".

Emoção dominou a carreta do começo ao fim

Cristina Serra

As quatro horas e meia de carreta comandadas pelo candidato do PDT à Presidência, Leonel Brizola, pelas quatro cidades da Baixada Fluminense, foram o evento mais emocionante de toda a sua campanha, superando até mesmo, na opinião de alguns assessores que o acompanharam em todo o Brasil, as manifestações de rua no Rio Grande do Sul, que, junto com o Rio de Janeiro, formam suas duas maiores bases eleitorais. Brizola sabia que teria a recepção grandiosa que se viu ontem e justamente por isso reservou como cenário de seu último dia de campanha as ruas sujas e poeirentas da Baixada.

Com um boné azul na cabeça para protegê-lo do mormaço, Brizola subiu em uma caminhonete branca e iniciou sua maratona pela cidade de Duque de Caxias, governada pelo prefeito Hydekel de Freitas, que apóia Fernando Collor de Mello (PRN). Quando chegou próximo à Praça do Pacificador, onde uma multidão o aguardava, a primeira demonstração de euforia: a caminhonete mal conseguia se mover por causa das pessoas que a cercavam para tocar em Brizola, deixando em pânico os seus seguranças e provocando um monumental engarrafamento no trânsito.

Palmas e choro — Mães entregavam crianças para o candidato beijar, enquanto nas calçadas homens e mulheres — algumas com as mãos postas como se estivessem rezando — gritavam e choravam ao verem Brizola passar. Daí para frente — em São João de Meriti e Nilópolis, ambas governadas por prefeitos que apóiam Collor —, a cena se repetiu incontáveis vezes. Das janelas de edifícios e portões de casas humildes, não parava de brotar gente, acenando lenços, cartazes, retratos, batendo palmas, ou improvisando chuvas de papel picado. Em determinados pontos, a multidão — com um número impressionante de crianças — seguiu o carro de Brizola a pé, como se estivesse numa maratona, disputando um aperto de mão. Alguns eleitores mais

fanáticos chegaram a subir no capô da caminhonete em movimento. Erguiam os braços para o alto e gritavam "Brizola", extasiados.

Brizola correspondeu à expectativa de seus admiradores. A todo instante, ele erguia os braços para o alto e incentivava seus seguidores. Não se negou a carregar nenhuma criança que lhe entregaram e não parou de acenar um só momento. A multidão delirou quando o locutor oficial dos comícios do PDT, Roberto Teixeira, do alto de um caminhão de som, narrou uma partida de futebol em Brizola fez o gol, depois de driblar Collor, Silvio Santos, o *Centrao*, o presidente José Sarney, o ministro Antônio Carlos Magalhães e o empresário Roberto Marinho, dono da TV Globo, entre outros inimigos do candidato.

Adoração — Quando gritava o "goooooool", a multidão pulava e berrava. Algumas pessoas tiravam os sapatos para acompanhar melhor os carros, sendo que tinha gente que simplesmente atirava o sapato para o alto e saía correndo, enquanto outros se preocupavam em levá-los nas mãos. Os eleitores manifestavam sua adoração ao candidato das formas mais variadas. Um crioulo de bermudas e camisa de manga curta, ao ver a carreta, saiu correndo com um copo cheio de cerveja e o estendeu para o candidato. Brizola ergueu o copo como se estivesse brindando, bebeu tudo, devolveu ao admirador e beijou-lhe uma das mãos. O homem saiu aos pulos, mostrando o copo aos amigos. Pouco depois, uma mulher entregou um bolo recém saído do forno a um dos assessores para que ele entregasse a Brizola.

Na Rua Antônio Teles de Menezes, em São João de Meriti, sob uma chuva fina, a multidão impediu que a carreta continuasse. Uma batucada aguardava Brizola desde cedo por ali e deu um clima de carnaval à sua passagem. Em Nilópolis, já às 14h20, na Praça Paulo de Frontin, nova interrupção da carreta, com centenas de pessoas querendo subir no carro para pegar em Brizola.

Daí ele seguiu até a localidade de Corumbá, em Nova Iguaçu, para inaugurar o Ciep Juarez Antunes, concluído recentemente pelo prefeito Aluisio Gama. No comício de Nova Iguaçu, Brizola apelou para o sentimento bairrista da população da região, dizendo que, se eleito, vai "ajustar contas com o Moreira Franco". "Ele cometeu um crime contra as crianças da Baixada, abandonando os Cieps para engrassar os grupos econômicos com a construção do metrô, que a população não estava pedindo", disse, sob a ovação da plateia.

Em São Paulo e Minas, fracasso

SÃO PAULO — À meia-noite de sábado, Leonel Brizola teve de amargar uma constatação dura: sua candidatura não decolou em São Paulo. Em vez de um grande comício no Centro da cidade, o PDT encerrou sua campanha no periférico bairro de São Miguel Paulista, onde um fracasso não seria tão visível. Apesar do prometido *show* de Gilberto Gil, os paulistanos não se animaram a enfrentar a chuva. Quando Brizola pediu a renúncia de Lula e de Covas em favor dele próprio, apenas um fiel exército brizolista, importado do Rio e do interior paulista, o aplaudiu. A praça tinha menos de 2 mil pessoas.

O ex-deputado Aírton Soares, que preside o PDT em São Paulo, não conseguiu dissimular a fraqueza de Brizola no estado: "O partido é frágil para fazer um comício na Praça da Sé". Brizola chegou às 23h45 — um atraso de mais de três horas. Se tivesse chegado antes, teria encontrado cerca de 5 mil pessoas que resistiam à chuva. Foi Gil quem deu o clima de festa ao comício, entretendo o público enquanto o candidato era esperado.

"Tudo que vem do céu também vem de Deus, regando nossa causa." Assim, Brizola agradeceu aos fiéis partidários que o esperaram pacientemente. O candidato chegara de Belo Horizonte, onde o comício de encerramento de sua campanha foi o retrato fiel das dificuldades enfrentadas para aumentar sua penetração junto ao eleitorado mineiro. Ele levou cerca de 10 mil pessoas à Praça da Rodoviária, segundo a Polícia Militar, e 30 mil de acordo com os organizadores, mas em poucos momentos conseguiu emocionar a plateia durante os 15 minutos em que discursou.

FF *Tarche Interu (österreich) 12/89*

HERBERGSUCHE BRASILIANISCH

"Schlafdepot für die Sklaven der Reichen von Rio" nennt ein Sozialarbeiter die Zwei-Millionensiedlung Nova Iguaçu, die in dem Ruf steht, eine der gewalttätigsten Städte der Welt zu sein. Von Gewalt weiß auch der Bischof, Dom Adriano, einiges zu erzählen. Einmal wurde er von rechtsextremen Schlägertrupps aus dem Auto gezerrt, entkleidet und mit roter Farbe übergossen. So wurde er am Straßenrand aufgefunden: Man nannte ihn "Kommunistenschwein". Der zweite Überfall war krimineller Natur: Räuber überfielen sein Haus, stahlen alles, was nicht niet- und nagelfest war. Dom Adriano betete den Rosenkranz. Die Legende will, daß schließlich einer der Diebe mit ihm gebetet habe. Von Marietta Peitz.

Nova Iguaçu mit seinen 35 favelas (Elendshütten) und 42, der Kirche bekannten Landkonflikten, mit seinen Drogenproblemen, Morden, Killerbanden, mit seiner hohen Arbeitslosenrate und den stinkenden Massenquartieren ist so etwas wie die letzte Station für alle, die aus Rio hinausgedrängt oder aus dem Landesinneren an die Stadtränder geschaufelt werden — Abfallgrube für die Ärmsten der Armen. "Die meisten Menschen hier sind so kaputt, daß sie sich nicht einmal mehr wehren", berichtet ein Mitarbeiter der Päpstlichen Kommission Iustitia et Pax, die im Bistum Rechtsbeistand leistet. So darf der Fall "Comunidade Zumbi das Palmares" als ein halbwegs glücklicher Sonderfall verstanden werden. Auch diese Weihnachtsgeschichte hat ihre grausamen Aspekte.

Es begann damit, daß sich im Dezember 1987 zweihundert arme Familien — Landflüchtlinge, Vergessene einer alten Landbesetzung, Hochwassergeschädigte — zusammenfanden und in einem Handstreich brachliegendes Land besetzten, insgesamt 51.000 m² Boden. Man hatte genug von den nie eingehaltenen Versprechungen der Politiker und der Kommunalverwaltung. Die dürren Wiesen, so wurde ermittelt, gehörten fünf Privateigentümern. Einer von ihnen war bekannt als Besitzer einer Autogarage, in der dubiose Geschäfte getätigt wurden. Der Mann holte die Polizei. Endlose, oft brutale Auseinandersetzungen folgten; immer wieder mußten die Armen die Wiese räumen und durften noch von Glück sagen, daß ihre Hütten nicht in Flammen und Rauch aufgingen. In ihrer Verzweiflung wandten sie sich schließlich an den Bischof. Die Rechtsanwälte der Diözese ermutigten die zweihundert Familien, sich in Selbsthilfegruppen zu organisieren. Das geschah, konnte jedoch nicht verhindern, daß der Garagenbesitzer einen Zaun um das Grundstück ziehen ließ und damit — wieder begleitet von der Polizei — die Armen gleichsam "auszäunte". Vier-

zehn Tage lang, bei strömendem Regen, hausten dann rund tausend Menschen unter Plastikfetzen am Straßenrand, protestierend und betend. Es gab Tote; ein Mann wurde überfahren; Killer drangen in das Zelt eines der Verantwortlichen ein, erschossen ihn. Kleinkinder starben an Lungentzündung und Unterernährung. Die Polizei drohte damit, den winzigen Besitz der Leute niederzubrennen, falls nicht schnellstens geräumt werden würde. Und dann — wohin? Niemand kam auf den Gedanken, den Familien ein anderes Land zur Verfügung zu stellen. Ein paar Leute zogen mit ihren Habseligkeiten ab; die Mehrzahl hielt dem Druck von außen stand. Betete das Vaterunser am Stacheldrahtzaun; jedes Wort hatte hier seine ganz besondere Bedeutung. Am Zaun hingen Losungen wie diese: "Wenn Gott für uns ist, wer kann gegen uns sein?"

Bethlehem brasilianisch: Ausgrenzung und Befreiung

Priester und Laien des Bistums hielten Schulterschuß mit dieser erbärmlichen Menschengemeinde, die keine sein durfte, für die es im Riesenland Brasilien keinen m² Boden gab, während gleichzeitig das Militär im Amazonasgebiet mit einem Landbesitz von der doppelten Größe Belgiens bedacht wurde. Schließlich erreichten die Anwälte eine Art "Stillhalteabkommen", das mit dem Vokabel "sozialer Notstand" begründet wurde, was durchaus den Tatsachen entsprach. Alarmiert von der Kirche schalteten sich schließlich der Interimsbürgermeister von Nova Iguaçu (gleichzeitig Gouverneur des Staates Rio) ein, wie auch die halbstaatliche Organisation LBA (die auch Gelder der Weltbank verwaltet). Das Land wurde — gegen eine vergleichsweise hohe Entschädigung — enteignet und den zweihundert Familien zugesprochen, die sich inzwischen den Namen "Comunidade Zumbi das Palmares" zugelegt hat und sich nicht mehr als ein Haufen



Weihnachten 1989:
Der Kampf um menschenwürdiges Wohnraum

Oben: Die Elendshütten von Nova Iguaçu

Unten: Eine Versammlung der Bewohner gemeinsam mit Bischof Dom Adriano (im Hintergrund)

Ziegeln und Stahlträgern kostet so ein Haus. Ein Haus für sechs, sieben, acht Menschen, die schon seit Jahren unbefriedigt dahinvegetieren müssen. Und die Würde, die Würde!

Endlich aufhören zu dürfen, ein Habenichtse zu sein, ein von Stadtrand zu Stadtrand Gekochter, dessen Kinder dahinsterven oder wenn sie das Elend überleben – keine Schule finden, keine Ausbildung, keinen Arbeitsplatz.

Aufhören zu dürfen, ständig Opfer von Willkür und Gewalt zu sein, Mais, Maniok und Blumen anpflanzen zu können vor einem Fenster aus echtem Glas, ein wenig Brüderlichkeit zu leben in einer Gemeinschaft von Mitstreitern und vielleicht auch – Gott die Ehre zu geben, statt ihn zu verfluchen, weil er die Armen vergessen hat. All das: Herbergsuche 1989! Zweihundert Familien. Zweihundert unter Millionen. Aber doch – zweihundert!

Zwei Jahre lang haben der Bischof von Nova Iguaçu, haben Priester und Laien gemeinsam mit den Bewohnern der "Comunidade Zumbi das Palmares" diesen Kampf um ein wenig Menschenrecht und Menschenwürde mitgekämpft. Jetzt würde man gern einen gemeinsamen Fonds schaffen, der es den Bewohnern möglich machen könnte, über ein kleines Startkapital für den Hausbau zu verfügen. Mit ihren lächerlichen Löhnen (wenn sie Arbeit haben), können die Familienväter kaum einen Spargroschen zurücklegen. Als Joao gefragt wurde, warum er heute nicht zum Gemeinschaftstreffen in die Stadt gefahren sei, antwortete der Vater von fünf Kindern demütig: "Dann hätte ich den Bus zahlen müssen und für das Baby keine Milch kaufen können."

So eng ist das!

Wenn aber – mit unserer Hilfe – ein Fundament gelegt werden könnte, ein wenig Starthilfe geschaffen für über tausend Menschen, wenn die Herbergsuche dieser Armen im Jahr 1990 ihr glückliches Ende finden könnte – dann dürften wir alle gemeinsam diese Geschichte aus Brasilien eine weihnachtliche nennen.

Der Fonds wird von der Caritas des Bistums Nova Iguaçu und der Päpstlichen Kommission *Iustitia et Pax* verwaltet.

Ihre Spenden können Sie auf das Konto Nr. 605 006 mit dem ausdrücklichen Vermerk "Herbergsuche" bei der Raiffeisenkasse Reisenberg einzahlen.

von Desperados, sondern als künftiges "Gemeinwesen" verstanden. Zumbi ist der Name des legendären Negerführers aus dem 17. Jahrhundert, der im Nordosten Brasiliens 30 Jahre lang eine Negerrepublik von befreiten Sklaven gehalten hatte, bis er schließlich ermordet wurde.

Von Bethlehem über den Nordosten bis zu Nova Iguaçu heute – immer das gleiche biblische Grundmotiv: Ausgrenzung und Befreiung!

So war – nach zweijähriger Auseinandersetzung – die erste Runde gewonnen; der Stacheldraht fiel, die Familien durften in ihre Pappkartonhütten zurückkehren. Jetzt kämpfen sie darum, aus ihrer Slum-Situation herauszukommen. Strom, Wasser, Teerstraßen fordern sie von der Stadtverwaltung. Eine "Gemeinde" wollen sie werden, nicht die 36. favela von Nova Iguaçu bleiben. Und tun längst das Ihre

dazu. Rund um die Behelfsbauten sind kleine Gärten angelegt, die mit Liebe versorgt werden. Städteplaner der Universität Campinas haben für die Zumbi-Bewohner ein Reißbrett-Dorf entworfen und feste Häuser dazu, deren Fertigteile von den Mittellosen selbst hergestellt werden können. Zwei der Modellhäuser sind auf dem Campus bereits fertig montiert, Traum von tausend Menschen, die jeden Abend die schmucken Ziegelbauten umlagern und eigentlich gar nicht zu träumen wagen, daß sie eines Tages Besitzer solch eines festen Hauses mit Dusche und Toilette sein könnten.

Zweihundert Familien auf der Suche nach Menschenwürde

Umgerechnet ca. öS 18.000,-/DM 2.500,- und die Mitarbeit der Gemeinde bei der Herstellung der Fertigteile aus

DAS ANLIEGEN DER BEFREIUNGSTHEOLOGIE

IST GESUND, RICHTIG UND BIBLISCH.

EIN GESPRÄCH MIT BISCHOF ADRIANO HYPÓLITO VON NOVA IGUAÇU (BRASILIEN)



Bischof Adriano Hypólito
von Nova Iguaçu

Dom Adriano Hypolito ist Franziskaner und seit 19 Jahren Bischof von Nova Iguaçu, einer Satellitenstadt im 14 Millionen Einwohner zählenden Ballungsgebiet von Rio de Janeiro. Sein Einsatz gegen Armut und Elend in seiner Diözese und sein unerschrockenes Engagement für die Menschenrechte setzte ihn während der Militärdiktatur vielfacher Verleumdung und Verfolgung aus.

In die Schlagzeilen der Weltpresse geriet Bischof Hypolito, als er 1977 von Militärs entführt und nackt, gefesselt und mit roter Farbe besprüht in einer dunklen Seitengasse eines Vorortes von Rio ausgesetzt wurde.

Franz Marcus führte das folgende Gespräch mit Dom Adriano Hypolito in dessen Arbeitszimmer in Nova Iguaçu.

Dom Adriano, wo sehen Sie heute in der Kirche Brasiliens die wichtigsten pastoralen Herausforderungen, und wo liegen die Hauptschwierigkeiten?

In der Zeit der Militärdiktatur stand eindeutig die Verteidigung der Menschenrechte an erster Stelle. Das ist heute anders. Das Hauptübel unserer Länder hier in Lateinamerika ist die Trennung zwischen Oberschicht und Volk. Es gibt eine kleine Minderheit, eine kulturelle, wirtschaftliche und politische Elite, die ungefähr 20% der Bevölkerung ausmacht und

das ganze Land beherrscht. Die grosse Mehrheit der Menschen lebt am Rande des sozialen Prozesses und geniesst überhaupt keine Rechte, darf überhaupt keine Ansprüche erheben. Es ist eine nationale Schizophrenie, wie hier ein Graben zwischen einer Elite und dem Volk aufgerissen wird. Wenn man sich beispielsweise das Parlament in Brasilia ansieht- das hat mit Brasilien nichts zu tun! Wie die Vertreter des Volkes leben und sich benehmen, mit dem Volk hat das nichts zu tun! Die Oberschicht hat nichts für das Volk übrig. Sie braucht das Volk nur für die Wahlen. Das ist ja der einzige demokratische Zug, den wir besitzen: die Behörden, die Abgeordneten, die Senatoren, die Gouverneure und auch der Bundespräsident müssen vom Volk gewählt werden. Aber sonst hat das Volk nichts zu sagen.

Unser Anliegen ist es, dass eine neue Verfassung ausgearbeitet wird, die dem Volk mehr Rechte als nur das Wahlrecht zugesteht: z.B. müsste öfters vom Volksbegehren auf Kreisebene Gebrauch gemacht werden. Die grösste Herausforderung unserer Kirche besteht für mich darin, für eine Integrierung der an den Rand gestossenen Menschen zu kämpfen, denn hier liegt das Hauptübel dieses Landes. Und nur die Kirche kann das tun, denn nur die Kirche besitzt genügend Einfluss, auf die Menschen, damit die Integrierung vorangetrieben werden kann, und sie setzt sich im allgemeinen auch selbstlos dafür ein. Der Kirche geht es ja nicht um politische Macht.

Wird dieser Prozess jetzt nach dem Regierungswechsel erleichtert werden, oder bleiben die Schwierigkeiten an sich die gleichen?

Nach dem Wechsel der Militärdiktatur zur zivilen Regierung sind gewisse Probleme verschwunden, das muss man sagen, aber gerade jetzt darf sich unsere Kirche nicht auf das Spirituelle zurückziehen. Wir dürfen uns nicht damit begnügen, Messen zu lesen und den Rosenkranz zu beten, denn das ist nur das Benzin, das wir brauchen, damit etwas geschieht.

Aber es wird schon für die Kirche leichter werden, ihre Aufgabe zu erfüllen. Darin bestand das grosse Anliegen des verstorbenen Bundespräsidenten Tancredo Neves, und der jetzige Präsident scheint auch in diese Richtung zu arbeiten. Es wird jedoch nicht einfach sein, denn alles ist auf die Privilegien der kleinen Oberschicht ausgerichtet: sie macht die Gesetze -

und zwar zu ihren Gunsten. Ein deutscher Bundestagsabgeordneter, ein Sozialist, der unsere Abgeordneten hier besucht, wunderte sich, dass unsere Leute hier 20 bis 30 Sekretärinnen haben: er hätte nur zwei, sagte er. Unsere Abgeordneten haben alle möglichen Vorteile; sie können jeden Freitag nach Hause fliegen, montags fliegen sie dann zurück nach Brasilia, und das alles auf Kosten des Staates, auf Kosten des Volkes. Und die Oppositionspartei kämpft nicht dagegen, sondern macht alles mit. Nur einzelne Leute widersetzen sich, in allen Parteien gibt es einige, die nicht damit einverstanden sind, aber die Partei als solche denkt nicht daran, ihre Privilegien aufzugeben. Das ist wie ein Krebs, ein soziales Krebsgeschwür.

Sie sind seit 19 Jahren Bischof in einem Ballungsgebiet von 14 Millionen Einwohnern, wo auch heute noch täglich neue Leute vom Land hinzuziehen. Herrscht im Volk keine explosive Stimmung?

Nein, das ist ja das Erstaunliche, dass die Leute hier immer noch fröhlich und voller Hoffnung sind und nicht verzweifeln. Sie hätten ja allen Grund zu verzweifeln oder eine blutige Revolution anzufangen, denn das Elend, besonders in den Favelas, ist ja sehr gross. Aber die Brasilianer sind ein sehr



Favelas am Rande von Rio de Janeiro, Brasilien (Foto: dpa)

friedliches Volk, und sie sind nicht fatalistisch. Sehen Sie, früher war ich gegen Samba, Karneval und Fussball, aber heute merke ich, dass das gerade Zeichen der Gesundheit dieses Volkes sind. Die Leute in den Favelas amüsieren sich und können immer lachen, - und das ist gesund.

Wegen der weltweiten Diskussion um die Theologie der Befreiung und den Fall Boff ist die Kirche Brasiliens gerade in den letzten Monaten in die internationalen Schlagzeilen geraten. Wie reagieren Sie und wie reagiert die brasilianische Kirche auf das vom

Vatikan verhängte Schweigegebot für Ihren franziskanischen Mitbruder Leonardo Boff?

Das Schweigegebot für Leonardo Boff hat an sich nichts mit der Theologie der Befreiung zu tun, sondern nur mit seinem Buch Kirche, Charisma und Macht.

Kann man das denn trennen?

Ja doch, ich glaube schon. Er vertritt dort Thesen, die zum Beispiel Schillebeeckx auch vertreten hat und heute noch vertritt, z.B. über das kirchliche Amt, die kirchliche Institution usw. Diese Thesen sind also an und für sich nicht originell, aber weil er ein bekannter Befreiungstheologe ist, hat das mehr Echo gefunden.

Die Befreiungstheologie ist noch am Entstehen; sie ist noch keine fertige Theologie. Aber ihr Anliegen ist sehr gesund und richtig, ist evangelisch und biblisch, das ganz bestimmt. Zur Zeit meines Theologiestudiums vor 40 Jahren haben wir die göttliche Vorsehung studiert, aber wir interessierten uns nicht für das Elend unseres Volkes. Wir haben uns nie die Frage gestellt, ob zwischen der göttlichen Vorsehung und dem Elend der Menschen eine Verbindung besteht. Man hat nie Konsequenzen daraus gezogen, dass Gott als Vater der Menschen nicht will, dass seine Kinder im Elend leben, dass seine Kinder von seinen Kindern so ausgebeutet werden. Man hat keine Konsequenzen aus der Liturgie gezogen. Heute tun wir das, und dann kommt Kardinal Ratzinger und sagt, das sei Soziologie! Das ist keine Soziologie, sondern Anwendung der Theologie auf das menschliche Leben. Theologie ist eine Wissenschaft, eine Wissenschaft des Glaubens, aber man darf deshalb das Praktische nicht ausschliessen!

Macht die Reaktion Roms gegen die Theologie der Befreiung Sie nicht traurig, fühlen Sie sich vom Präfekten der Glaubenskongregation, Kardinal Ratzinger, nicht missverstanden? Wie werden Sie hier in Brasilien damit fertig?

Es gibt ein Lehramt, und es muss auch ein Lehramt geben. Die Theologie stellt ja kein paralleles Lehramt dar. Das Lehramt

hat das Recht und die Pflicht zu sagen: das geht nicht, aber damit hört es auch schon auf. Diese Strafe gegen Boff, die ist überholt; früher wurde man verbrannt, heute gibt es das Schweigebot. Im Grunde stammt diese Strafe aus derselben Wurzel. In Rom hat man natürlich nicht mit einer so massiven Reaktion der weltweiten öffentlichen Meinung gerechnet. An sich ist das eine lächerliche Strafe. Ich würde gern einmal 3 Jahre lang schweigen... Unsere Kirche hat 21 Jahre lang gegen Zensur, gegen Menschenrechtsverletzungen gekämpft. Und jetzt verbietet man einem Vertreter eben dieser Kirche seine Meinung, seine Theologie, seine Überlegungen zu veröffentlichen. Es ist nicht so, dass Leonardo Boff meint, er sei unfehlbar; er ist sich seiner Grenzen bewusst. Deshalb sind wir nicht damit einverstanden dass er auf diese Art bestraft wurde. Überall im Land, wo ich als Bischof hinkomme, befragen mich die Leute über die Theologie der Befreiung. Früher haben sie sich nie dafür interessiert, sie kannten Boff überhaupt nicht. Jetzt ist er überall bekannt, es war also eine glänzende Propaganda für die Theologie der Befreiung. Damit hatte Kardinal Ratzinger nicht gerechnet.



Bischof Adriano Hypólito von Nova Iguaçu, Brasilien

Adriano Hypólito ist Bischof der Millionenstadt Nova Iguaçu bei Rio de Janeiro. Arbeitslosigkeit und Slums sind die vordringlichsten Probleme dieser "Schlafstadt" von Rio. Wie Leonardo Boff gehört Adriano Hypólito dem Franziskanerorden an. Weitere Franziskaner aus Brasilien, die auch hierzulande bekannt sind, seien erwähnt: Kardinal Aloisio Lorscheider von Fortaleza und Kardinal Arns von São Paulo. Allen gemeinsam ist der Einsatz für die Armen. Die Kirche ist für sie "die Stimme all derer, die keine Stimme haben, die von den Mächtigen nie gehört werden." Das Sozialengagement wird nicht nur von Staat und Wirtschaft kritisiert, sondern auch vom konservativen Klerus.

"Im September 1976 wurde Dom Adriano von einem rechtsextremen Terrorkommando entführt, entblösst, verprügelt, mit roter Farbe beschmiert und in diesem Zustand auf der Strasse stengelassen. Als es ihm drei Jahre später mit der Hilfe gleichgesinnter Journalisten gelang, die Täter zu identifizieren (eine Zelle des Armeegeheimdienstes) ging unter dem Altar des Doms von Nova Iguaçu eine Bombe hoch. Die 'Unbekannten' liessen auf den Kirchenbänken ein Pamphlet liegen, in dem sie von den Gläubigen Verständnis für den Zwischenfall forderten. 'Gegen ihren Willen' hätten sie sich zu diesem Gewaltakt gezwungen gesehen, um den Bischof, einen 'kommunistischen Agitator', öffentlich zu warnen." (Tages Anzeiger, 4.1.84)

Adriano Hypólito wurde am 18. Januar 1918 in Aracaju geboren.
Studium bei den Franziskanern in Pernambuco und Bahia.
1942 Priesterweihe. Lehrer am Kleinen Seminar der Franziskaner.
1963 Weihbischof von Bahia.
1966 Ernennung zum Diözesanbischof von Nova Iguaçu.
1976 Entführung durch rechtsradikale Kreise.
1977 Verleihung des Ehrendokortitels der Universität Tübingen.
1979 Teilnahme an der Lateinamerikanischen Bischofskonferenz in Puebla.
1984 Verleihung der Ehrenbürgerrechte des Staates Rio de Janeiro.

Die Theologie der Befreiung aus der Sicht der Armen von Nova Iguaçu

a) - die Theologie war immer schon da; die Armen waren immer schon da. Warum hat sich die Theologie - die Wissenschaft von Gott - früher nie mit den Armen, den Lieblingen Gottes, beschäftigt?

- Mein Theologiestudium (1940-1943) - die Vorlesungen, die Schulbücher - haben uns die Glaubenssätze doziert. Es war immer bei den Professoren und bei den verschiedenen Autoren, die wir damals benutzt haben - Tanquerey, Bertmann, Pohle usw. - die Sorge vorhanden, der Tradition, dem Lehramt, dem Papst treu zu bleiben, Wahrheiten über Unglauben mitzuteilen. Dabei wurde aber vergessen, die unmenschliche Situation unserer Völker in Lateinamerika und in Brasilien aus der Sicht des Glaubens zu betrachten. Der Glaube beschäftigte sich mit Gott, aber nie mit den unterdrückten Menschen, mit denen sich Jesus Christus identifiziert hat (vgl. Mat. 29 40 45).

b) Das versucht die Theologie der Befreiung. Sie ist und will Theologie - Wissenschaft von Gott - sein. Sie schöpft aus dem Glauben, aber auch aus den Zeichen der Zeit, aus der Not des durch das Evangelium Jesu Christi zu erlösenden, zu befreienden Menschen. Dass gerade in Lateinamerika eine Theologie der Befreiung entstehen musste, ist nicht zu verwundern. Unsere Länder sind im vergangenen Jahrhundert, Brasilien am 7. September 1822 (also vor genau 162 Jahren) von den Kolonialmächten Portugal (Brasilien allein) und Spanien (die übrigen lateinamerikanischen Länder) unabhängig geworden. Aber diese politische Unabhängigkeit, an der sich der Klerus tatkräftig beteiligt hat (und das wird immer wieder herausgestrichen) ist bis heute nicht reif geworden. Im vergangenen Jahrhundert konnte Alexandre Herculano, der grosse portugiesische Dichter, sagen: "Für Portugal brachte die Unabhängigkeit Brasiliens nur Vorteile: ohne dass wir für Brasilien Verantwortung tragen, erhalten wir daher mehr Geld als in der Kolonialzeit" (frei nach dem Gedächtnis zitiert).

c) Den Anstoss zur Theologie der Befreiung gab die gelebte und erlebte Theologie unserer Kirche in den Jahren nach dem Konzil. Die Pioniere waren für Brasilien ohne Zweifel:

- Propheten wie Dom Helder Câmara, Tristao de Athayde Martinho Michel usw.
- die katholische Aktion (JAC, JEC, JOC, JIC, JUC)
- "Circulos Operarios" (kirchliche Arbeiterbewegung) von den Jesuiten, Franziskanern, Weltpriestern geleitet
- die "Bewegung für eine bessere Welt" des Jesuiten P. Lombardi
- das zweite Vaticanum (1962 - 1965)
- die Bischofskonferenz von Medellin (1968)
- die CNBB - Brasilianische Bischofskonferenz

All dies hat uns auf die skandalöse Situation der meisten Menschen in Brasilien aufmerksam gemacht. Ihr Glaube wurde von den sozialen Ungerechtigkeiten, von den Missständen des politischen und wirtschaftlichen Systems angeagt. Die Pastoral schöpft aus dem Glauben und aus der konkreten Erfahrung mit den Unterdrückten - d.h. den breiten Massen unseres Volkes - Kraft, sich für diese leidenden, kleinen Brüder und Schwestern einzusetzen. Die Kirche, die in den früheren Jahrhunderten bis tief in unser Jahrhundert hinein zu den Machthabern hielt, bekehrte sich zum Volk - ganz im Sinne des Evangeliums. Wenn Puebla 1979 eine "vorrangige Option für die Armen" macht, so ist diese Option keine Neuigkeit, sie ist ein Hauptanliegen unseres Herrn Jesus Christus. Diese Option dürfte keine "vorrangige" sondern einfach "eine Option für die Armen" genannt werden.

d) Dass die Soziologie viel zu dieser Entscheidung unserer Kirche beigetragen hat, ist nicht abzustreiten. Dass selbst eine Ideologie, eine gottlose wie die marxistische, positive Elemente der Pastoralarbeit und der Theologie der Befreiung liefern konnte, darf man sich nur wundern, wenn man die Kirchengeschichte nicht kennt. Das Hauptanliegen unserer befreienden Pastoralarbeit und der Theologie der Befreiung ist, aus dem Glauben heraus, aus der Sicht des Glaubens, einen Beitrag zur Besserung unserer sozialen Misstände zu geben. Die Ideologien dürften etwas (z. B. Anregung, Begriffe usw.) dazu beitragen; das Entscheidende aber in der Pastoral und auch in der Theologie

der Befreiung kommt von Jesus Christus.

e) In den letzten Jahrzehnten ist unsere Kirche, die unter den laufenden Diktaturen unserer Länder viel leiden musste und immer noch leiden muss, zu einer Hoffnung für unsere Völker geworden. Die "Armen" - die kleinen Brüder und Schwestern, die am Rand des sozialen Progresses darben müssen, die praktisch keine Rechte haben, weil sie machtlos sind - zeigen sich fähig zu lernen. Sie können wachsen, sie verstehen, dass diese Kirche, die aus dem Glauben schöpft, sich für das Volk einsetzt, sich mit dem Volk identifiziert und mit dem Volk zusammengeht, die einzige Institution darstellt, die selbstlos für eine bessere soziale Ordnung mit dem Volk zusammen kämpfen kann und muss. Hoffentlich tut sie das überall in Lateinamerika, in Brasilien, in der ganzen Welt.

f) So darf ich ruhig behaupten: die Armen in Nova Iguaçu verstehen diese Kirche, die ganz im Sinne der Frohbotschaft, die ganz in Treue zu Jesus Christus und zur Tradition unserer Kirche mit ihm zusammengeht und mit ihm für eine gerechtere soziale Ordnung - mit anderen Worten: für das Reich Gottes, das hier in diesem Aeon beginnen muss -, kämpft und leidet. Ohne die Bedeutung sozialer Kategorien für die Pastoralarbeit zu leugnen sehen wir in unserem Volk ein "Gottesvolk", ein "Bundesvolk", ein "auserwähltes Volk", das von der Sünde, von einer persönlichen, von einer sozialen Sünde durch Jesus Christus erlöst, befreit werden muss.

Luzern, 1.9.1984

VIDA BRASILEIRA

Lado ocidental

A cidade mais violenta da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu, tem uma parte muito chique



A cidade de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, costuma aparecer no noticiário dos jornais com a marca da violência. Com 1,5 milhão de habitantes, Nova Iguaçu é a sétima cidade brasileira em número de habitantes e fica na Baixada Fluminense, uma região da Grande Rio que reúne os municípios mais violentos do país. Os números são realmente assustadores. As treze delegacias da Baixada, que representam 3 milhões de pessoas, registraram 2 500 homicídios no ano passado. Na Grande São Paulo, que tem uma população de 18 milhões de habitantes, foram cometidos 5 700 crimes de morte no mesmo período. Isso significa que a Baixada é quase três vezes mais violenta do que a região metropolitana da capital paulista. Mesmo incrustada nesse pedaço da Baixada, onde são comuns as ações de grupos de extermínio, Nova Iguaçu é a cidade preferida de muita gente que poderia morar nos melhores bairros do Rio.

A maioria dessas pessoas, privilegiadas em comparação ao restante da população, mora em mansões cinematográficas construídas no lado ocidental da cidade, que é separado por uma linha férrea da Central do Brasil do lado oriental — onde vivem os moradores mais carentes. Sem medo dos números da criminalidade e indiferente aos preconceitos que rondam a cidade, boa parte desses moradores abastados fez fortuna na própria cidade. É o caso do empresário Pedro Mario Nardelle Filho, de 25 anos, representante da Brahma em Nova Iguaçu. Dono de quatro apartamen-

tos na Barra da Tijuca e dois em Laranjeiras, bairros valorizados da cidade do Rio, Pedro mora numa casa de 25 cômodos em Nova Iguaçu — são oito quartos e cinco banheiros. "Morei dois anos em Nova York, mas não consegui ficar longe daqui", diz ele. "Estou perto dos meus melhores amigos, dos clubes que mais gosto e me sinto bastante seguro", afirma.



A parte ocidental de Nova Iguaçu: vida de cidade do interior, mansões grandiosas e apartamentos para finais de semana e feriados no Rio de Janeiro



O deputado Fábio Raunheitti e a mulher, Lídia, que têm quatro tapetes persas enrolados no quarto. "Eles só servem para atraparlar a passagem", diz ele

Dono de uma das quatro maiores pedreiras do Estado, Carlos Alberto Babo, de 46 anos, é outro que adotou a cidade apesar dos problemas de segurança e da má fama de violenta.

Babo tem uma casa construída num terreno de 1 500 metros quadrados com todo o conforto das revistas de decoração, como ar-condicionado em todos os cômodos, piscina, duchas e jardins verdejantes e floridos. Freqüentador do Antiquarius, um dos restaurantes mais famosos — e caros — do Rio, Babo tem um sítio de 300 hectares, em Cachoeiras de Macacu, a 90 quilômetros da cidade. "Lá, eu reúno os amigos e relaxo", conta Babo.

CHURRASCO — No fundo, Nova Iguaçu continua a ser uma cidade do interior como tantas outras no Brasil. Na região central, onde está uma das três delegacias de polícia e a Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, as ruas de casas grandes em estilo colonial são asfaltadas e arborizadas para ajudar a amainar a temperatura, que, no alto verão, chega aos 35 graus centígrados. Os moradores mais antigos costumam se encontrar à saída da missa do sábado, nas quermesses da igreja, para celebrar uma data dedicada ao santo padroeiro, ou no clube de campo local, onde fazem churrascos barulhentos nos finais de semana. "Fico em Nova Iguaçu porque aqui ainda existe calor humano", afirma o cirurgião plástico José Maria de Azevedo, que tem um consultório bem montado no centro da cidade. "As pessoas se conhecem e, se precisarmos de alguma coisa, sempre tem alguém para ajudar, o que não acontece nas cidades grandes como o Rio", acrescenta ele, confiante.

José Maria e a mulher, Luz, que é médica ginecologista, foram seqüestrados em 1987 em pleno centro de Nova Iguaçu e abandonados alguns quilômetros



Susanna, de 25 anos, e Stfane, de 23, filhas do dono da Compactor, Erich Buschle: cursos básicos na Baixada Fluminense, especialização na Alemanha e trabalho com o pai, a 500 metros de casa

adiante, quando os ladrões levaram o seu carro, mas nem por isso perderam a fé na cidade. "Acho que era gente de fora", diz José Maria. O casal e os filhos — Keller Henry, Karen Gracie e Kenia Lara — costumam passar alguns finais de semana no Rio, onde têm um apartamento na Barra da Tijuca. No mesmo prédio, três outras famílias de Nova Iguaçu mantêm apartamentos para esses finais de semana, quando todos se encontram. Para eles, é a cidade grande que funciona como a opção de lazer nos feriados — e não o contrário.

Essa nova sociedade de iguaçuanos que, se não fez fortuna como os empresários da Brahma e da pedreira, passou a integrar uma recém-formada classe média, tem gostos bastante característicos — e, às vezes, chama a atenção pela simplicidade. O deputado federal Fábio Ruhnheitti, do PTB, por exemplo, é dono da faculdade local, mora numa das casas mais bonitas de Nova Iguaçu e tem quatro tapetes persas enrolados num dos quartos da casa. "Eles só servem para atrapalhar a passagem", explica o deputado. O empresário Wislaine Duarte Pereira, dono do Forró Ferrado, uma casa noturna de 4 000 metros quadrados, costuma viajar com frequência para Buenos Aires. "Lá, eu tenho a impressão de estar na Europa", diz ele, que nunca esteve na Europa. A dona de casa Maria da Glória, mulher do advogado e empresário do setor de bebidas Geraldo Miquelotti, não dispensa

o anel de brilhantes. "Não tiro o meu anel nem para ir às compras", diz ela. "Mesmo porque ele está preso no meu dedo e não sai de jeito nenhum." A casa dos Miquelotti já foi roubada — os ladrões fizeram uma limpeza geral —, mas nenhum dos dois pensa em sair da cidade. "A insegurança não é um privilégio



O cirurgião plástico José Maria de Azevedo, a mulher, Luz, e uma das filhas, Karen: participação no cotidiano de Nova Iguaçu

de Nova Iguaçu", afirma Geraldo. "Ela afeta todos os lugares próximos às grandes cidades", acrescenta.

PERTO DO TRABALHO — Outra parcela do grupo de moradores privilegiados de Nova Iguaçu é formada por pessoas que vieram de outros lugares, como o alemão Erich Buschle, de 64 anos. Dono da indústria de canetas Compactor, Erich foi morar em Copacabana logo que chegou ao Brasil e seguia todos os dias de carro para a Baixada Fluminense, um percurso de 40 quilômetros que chega a demorar uma hora em função do trânsito pesado e de engarrafamentos constantes. "Perdi a paciência de ficar tanto tempo no trânsito e me mudei para perto do trabalho", explica ele, que acabou se tornando uma espécie de benfeitor do bairro onde mora. Erich construiu sua casa de três pavimentos no lado oriental da cidade, num bairro operário e de periferia chamado Jardim Iguaçu, onde estão os casebres da população mais pobre. A rua não tem asfalto e o lixo é recolhido por um caminhão de uma empresa privada, que presta serviços para a Compactor — por conta do próprio Erich.

A família de Erich mora numa residência cercada por muros de 3 metros de altura e guardada por seis cães. As filhas Susanna, de 25 anos, e Stfane, de 23, que hoje trabalham com o pai na Compactor, fizeram todos os cursos básicos em Nova Iguaçu e especialização na Alemanha. "Estudamos jazz, balé, sapateado, piano, inglês e alemão sem sair daqui", conta Susanna. As duas irmãs fazem suas compras nas lojas de Nova Iguaçu, já que as principais butikues do Rio têm filiais na Baixada. Erich prefere renovar seu guarda-roupa quando viaja para São Paulo — sua preferência são os modelos da Casa José Silva. A família de Erich não é adepta de muita agitação noturna. Quando saem juntos, costumam jantar no restaurante Mariu's, no Leme, ou nas churrascarias Rodeio e Dolce Vita, que ficam na Via Dutra. Da família, a única que não gosta da cidade é Marly, mulher de Erich, que se sente sozinha na casa quando todo mundo sai para trabalhar e ocupa seu tempo promovendo chás de caridade, cuja renda é revertida para os orfanatos. Integrado à realidade de Nova Iguaçu, Erich nunca foi assaltado e não se sente mais ameaçado por morar na Baixada Fluminense. "Assalto tem em todo lugar", lembra.

MÁRCIA CARMO, de Nova Iguaçu

Ministro dá ultimato a médicos de Nova Iguaçu

Da Redação

9-6-90

Fr

O ministro da Saúde, Alcení Guerra, deu ontem um ultimato para os 200 médicos que nos últimos oito anos se transferiram do Hospital Central de Nova Iguaçu, o maior da Baixada Fluminense, região carente do Rio de Janeiro. Se eles não retornarem às atividades no hospital em 72 horas, a partir de hoje, serão colocados em disponibilidade.

Desde sua inauguração, em 1982, o Hospital Central de Nova Iguaçu vem sofrendo a evasão de médicos, que pedem remoção para hospitais federais nas zonas sul e central do Rio. Essas remoções, segundo a associação de funcio-

nários do hospital, são políticas e aconteciam, às vezes, poucos dias após a chegada do médico ao hospital.

Alcení Guerra esteve ontem no Rio para uma reunião com o presidente interino da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Luís Fernando Ferreira da Silva. Eles trataram da reforma administrativa da Fjocruz —que deverá cortar 30% dos funcionários—, a indicação do futuro presidente da instituição e a modernização dos seus laboratórios. O ministro pretende que, até o final do governo Collor, o Brasil se torne auto-suficiente na produção de vacinas.

Freira franciscana é encontrada morta na Baixada Fluminense

Da Sucursal do Rio

FdSP 0 9. 0 6. 9 0

A freira franciscana Filomena Lopes Filha, 44, foi encontrada morta ontem, com um tiro na nuca, dentro da Saveiro branca placas QF-2883, na Estrada Itaipubabi (Baixada Fluminense, a 30 km do Rio). Ela estava desaparecida desde anteontem, quando saiu do Instituto de Educação Santo Antonio, em Belford Roxo, para levar cimento à Favela Viga e Cruzeiro do Sul, onde trabalhava com a comunidade na construção de casas populares.

Segundo o chefe do setor de homicídios da 54ª Delegacia de Belford Roxo, Wálter Codong,

um homem encapuzado foi visto com uma arma rendendo a freira quando ela saía de carro perto do instituto. Ela dirigia o departamento de estudos da 5ª a 8ª séries do 1º grau. Codong disse suspeitar que a freira foi assassinada por pessoas da comunidade, insatisfeitas com a distribuição das casas entre as famílias.

Segundo o frei Luis Thomaz, 56, da Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu, a freira trabalhava há três anos com as 300 famílias das favelas na construção de casas populares. A comunidade já tinha construído 158 casas, uma creche, um centro comunitário e uma igreja.

Frei Luis Thomaz disse que

não acredita em vingança por disputa de terras, porque o terreno foi comprado pela Diocese de Nova Iguaçu. Disse também que não tem dúvidas de que o criminoso seja da própria comunidade. A freira Filomena, segundo ele, participava de todas as assembleias de moradores e das decisões da associação, que tinha o poder de distribuir as casas.

O padre Terence Rinaldi, que prestou depoimento na 54ª Delegacia, em Belford Roxo, disse que a freira não tinha inimigos e não estava envolvida com movimentos políticos. Mas, para o policial Walter Cadong, o crime pode estar relacionado com disputa de terras.

Diálogo às claras

Tales Faria

20-8-90 Fy^o

RIO DE JANEIRO — Alguns bairros da zona oeste do Rio e da Baixada Fluminense já começam a ter dificuldades de abastecimento de água por problemas na rede elétrica. A explosão de um reator da subestação de Furnas Centrais Elétricas de Nova Iguaçu, na madrugada de sábado, deixou a cidade de Campos, no norte do Estado, sob ameaça de blecaute. Em vários bairros da zona metropolitana do Rio mais e mais ruas vão ficando às escuras. As equipes de emergência destacadas pelos eletricitários em greve já estão com grandes dificuldades de dar conta dos serviços de manutenção. Um serviço que antes durava de três a quatro horas para ser executado hoje não leva menos de um dia.

Conclusão: o risco de que ocorra um blecaute no Rio por causa dos eletricitários está cada vez maior. E é provável que a situação não seja muito diferente no resto do país, já que é de caráter nacional o movimento, que completa hoje seu 22º dia.

Não é preciso dizer os enormes prejuízos humanos e materiais que pode causar um blecaute em qualquer dos grandes centros urbanos do país. Vão

da velhinha que só injere o alimento passado no liquidificador e se vê obrigada a redobrar esforços para comer, passando pelo doente que pode se ver às escuras em plena mesa de operação com a incisão a meio caminho, até o comerciante que pode ver deteriorado todo seu estoque de perecíveis ou à indústria, obrigada a parar sua produção.

É uma greve que, além de perigosa, não interessa a ninguém. No fundo, nem aos eletricitários, que podem se ver indispostos com toda a população, na eventualidade de um blecaute, sem que tenham conseguido suas reivindicações. Mas sobretudo não pode interessar também ao governo que, neste momento, o país se veja obrigado a engulir os prejuízos causados por um eventual blecaute.

A área de eletricidade exige um tratamento cuidadoso. Neste setor, não é admissível que tanto o governo com os grevistas partam para o enfrentamento, que fuja da negociação. É justamente neste setor que a sociedade deve dar suas maiores mostras de amadurecimento democrático na prática do diálogo, nos palácios governamentais e nos sindicatos.

„Die Kirche darf die Armen in den Favelas nicht nur trösten“

Brasilianischer Bischof wirbt um Unterstützung

Oldenburg. „Solange ich etwas tun kann, muß ich es tun. Wenn ich aber in eine Sackgasse gerate und nichts mehr tun kann, dann bete ich.“ Mit diesem Grundsatz arbeitet der 73jährige Bischof, Adriano Hypolito, der zur Zeit bei der Katholischen Hochschulgemeinde (KHG) zu Gast ist, seit 27 Jahren im Elendsviertel Nova Iguaçu am Stadtrand von Rio de Janeiro.

Die sozialen Mißstände, gegen die sich der Geistliche engagiert, sind dort fast unvorstellbar. Allein über 400 Kinder sind im letzten Jahr in den Favelas, den brasilianischen Slums, umgebracht worden. „Kriminalität und Gewalttätigkeit gehören in den Elendsvierteln zum Alltag, die Polizei geht längst nicht mehr in die Favelas, und die Leute haben auch kein Vertrauen mehr in die Polizei“, berichtet der Bischof.

Die Rolle der Kirche in diesem Elend und im wachsenden Gegensatz zwischen Arm und Reich sieht Bischof Hypolito dabei nicht nur als Trostspender. Die Kirche ist die einzige Institution, die die Mißstände anprangert“, erklärt der Bischof. „Sie darf die Armen in den Favelas aber nicht nur trösten, wenn sie kein Brot haben, sondern muß ihnen auch helfen, sich selbst für ihr Anliegen einzusetzen.“ Auch wenn die Probleme letztendlich von Staat gelöst werden müssen, kann, so der Bischof, die Kirche gegen die Verhältnisse sprechen und handeln. „Unser

Hauptanliegen ist es, gegen die Heuchelei und das Pharisäertum der Elite zu demonstrieren“, betont der Bischof, der der Theologie der Befreiung sehr nahe steht.

Da das Ausland über die Handelsbeziehung Einfluß auf die brasilianische Regierung hat, wirbt der Bischof in Deutschland nicht nur um Spenden, sondern vor allem auch um moralische Unterstützung und Demonstrationen für die Grundrechte der Armen.

Seit 1970 fährt Adriano Hypolito aus diesem Grund jedes Jahr in die Bundesrepublik. Trotz seiner Liebe zu Deutschland, das ihm fast zur zweiten Heimat geworden ist, freut er sich aber immer wieder auf zuhause. Allerdings wird, wenn er zurückkehrt, die Inflation schon wieder einen beträchtlichen Teil der Gemeindeausgaben verschlungen haben. Der Mindestlohn, der vor einem Monat noch umgerechnet 120 DM betrug, entspricht heute nur noch rund 85 DM.

Der Bischof, dessen Engagement trotz all dieser Widrigkeiten ungebrochen ist, hat schon früh seine Berufung entdeckt. Als er sich mit 13 Jahren entschloß, Franziskaner zu werden, nahm ihn zunächst nur seine Mutter ernst. „Alle anderen hielten mich für zu lebhaft“, berichtet Bischof Hypolito schmunzelnd. Diese Lebhaftigkeit hat sich der Geistliche bis in sein hohes Alter bewahrt.

Auch wenn er in zwei Jahren als Bischof abdanken muß, will er noch lange nicht aufhören. „Wenn mein Nachfolger nichts dagegen hat, bleibe ich“, verkündet der Bischof. In seinem schweren Amt, das seine beiden Vorgänger nur jeweils ein und drei Jahre lang aushielten, hat er auch seinen Optimismus nicht verloren. „Ich habe immer noch Vertrauen, denn auch in der Elite gibt es vernünftige Menschen“, ist seine Überzeugung. „dreißig Jahre Bewußtseinbildung waren nicht umsonst.“

**Zu Gast
in Oldenburg**



Bischof Adriano Hypolito aus Nova Iguaçu in Brasilien
Bild: Karnatz

Suppe und Brötchen für 750 Kinder Brasilianischer Bischof dankt Ochtruper Schülern für Spende



2311190

Kinder u. Leben

Bischof Dom Adriano Hypolito würde sich freuen, wenn die Hilfe der aufmerksam lauschenden Ochtruper Hauptschüler und -schülerinnen für die notleidenden Kinder seines Bistums nicht einmalig bleiben würde. Foto: Göcke

Ochtrup. Einen überraschenden Besuch stattete am Montag ein hoher Gast der Städtischen Gemeinschaftshauptschule Ochtrup ab: Rektor Linow konnte Dom Adriano Hypolito, Bischof von Nova Iguacu in Brasilien, willkommen heißen. Das Bistum liegt im Randgebiet von Rio de Janeiro. Anlaß des Besuches war, den Schülern und Schülerinnen der Städtischen Gemeinschaftshauptschule Dank zu sagen für eine Spende.

Die Bevölkerung seiner Diözese lebe überwiegend in Favelas, die mit Slums zu vergleichen seien, berichtete Bischof Hypolito. Aus Brettern, Pappe und sonstigen gefundenen Materialien errichte sich die notleidende Bevölkerung armselige Behausungen, in denen es kein Licht und kein Wasser gebe. Die Bezeichnung „Favela“ leite sich ab von einer Kaktusart, die in den unterentwickelten Landstrichen wachse, in denen es frühzeitig zu Revolutionen gekommen sei. Die Bevölkerungsentwicklung sei rasant verlaufen. Noch 1930 habe das Bistum ungefähr 30 000 Einwohner gezählt, vor 25 Jahren seien

es etwa 800 000 gewesen, auf der gleichen Fläche lebten heute aufgrund der Landflucht 3 Millionen Menschen. Betreut würden sie von 60 Priestern. 40 davon seien Ausländer, 20 Einheimische.

Fünf Prozent der Bevölkerung seines Bereiches könne man zur oberen Schicht zählen, 95 Prozent seien Arbeiter und Bettler. Der Mindestlohn für einen Arbeiter, sie seien überwiegend im Baubereich, als Schuhputzer oder als Putzfrauen tätig, belaufe sich auf 90 DM. 180 DM monatlich würden selten überschritten, und dieser Betrag reiche nicht, den Lebensunterhalt für eine Person zu gewährleisten. Die Familien litten große Not, und nicht selten beobachte man 6- bis 7jährige Kinder, die sich ihre Nahrung aus Mülltonnen suchten. 80 Prozent der Kinder verließen die Grundschule bereits nach dem Besuch der zweiten Klasse, um zum Lebensunterhalt der Familie beizutragen.

Er, Bischof Hypolito, habe es sich zur Aufgabe gemacht, für die notleidenden Kinder zu sorgen, die selten

satt zu essen hätten. Sein Ziel sei es, Kindern wenigstens einmal täglich eine warme Suppe mit einem Brötchen zu garantieren. Betreut würden von seiner Gruppe zur Zeit 750 Kinder. Die Kosten pro Kind betrügen täglich 0,40 DM. Für die notleidenden Kinder habe er auch die Spende der Hauptschule verwendet. Er bat die Schüler und Schülerinnen, in ihrer Hilfsbereitschaft für die Kinder der Dritten Welt nicht nachzulassen.

Bischof Dinkelborg in Bevergern

Bevergern. In St. Marien war Bischof Edilberto Dinkelborg aus Brasilien zu Gast, der hier auch predigte und besonders die Not der Dritten Welt ansprach. Bischof Dinkelborg stammt aus Epe. Er war besonders erfreut, in der Heimatgemeinde seines Studienfreundes Pater Hartmann sprechen zu dürfen. Bischof Dinkelborg ist seit 31 Jahren in der Brasilienmission tätig. Er ist Oberhirte einer Diözese mit 300 000 Katholiken. Sein Wirkungsfeld liegt im Nordosten Brasiliens, einer besonders notleidenden Gegend dieses Landes.

Os separatistas da Baixada

Belford Roxo não tem campanha na televisão mas tem know how: vai tentar pela segunda vez separar-se do município de Nova Iguaçu

Elenilce Bottari

Sem os recursos milionários da campanha de emancipação que está sendo realizada na Barra da Tijuca e sem pretensões de transformar Belford Roxo em cidade de elite da Baixada Fluminense, a tímida campanha de emancipação do 4º Distrito de Nova Iguaçu começa a ganhar forma, invadindo as casas dos seus 570 mil habitantes — através de rádio, folhetos e carros de som — a apenas 32 dias da votação do plebiscito. A razão do movimento, segundo o presidente do Comitê Pró-Emancipação e da Associação Comercial de Belford Roxo, Hebert Tam, não é conseguir o sim para a municipalização; é levar às urnas 90 mil eleitores.

Amargando na pele os erros da campanha de 85, quando, apesar de ter 90% dos votos a favor, não houve quorum para a aprovação do projeto, o comitê está voltando o seu trabalho para a periferia, onde vive a maioria esmagadora da população: "A luta aqui é muito diferente da Barra, onde o quórum é certo, mas o resultado é imprevisível. Aqui, o problema continua sendo o comparecimento às urnas. Além de tirar as pessoas do seu descanso no final da semana, há a dificuldade de transportes. Falta condução e, se chover, a locomoção será ainda mais difícil", prevê Hebert Tam.

O comitê de campanha foi legalizado há dois meses. Conta com a participação de entidades religiosas, de lideranças das 100 associações de moradores, de políticos e de representantes da indústria e comércio. O grande boom da mobilização, segundo Tam, foi no último domingo, quando começaram a ser veiculadas propagandas nas resenhas esportivas durante o clássico Flamengo X Vasco. A distribuição de folhetos está sendo feita pelas associações de moradores: "O forte da campanha serão mesmo as inserções nas emissoras de rádio. Inclusive, os carros de som não conseguem chegar em muitas ruas, onde o transporte é inacessível.

Com 73 km² de área, Belford Roxo conta com 144 indústrias e uma arrecadação que representa 51% da receita de todo o município de Nova Iguaçu, razão suficiente para a violenta campanha que o prefeito Paulo Leone organizou no último plebiscito contra a aprovação do projeto: "Leone continua contra, mas desta vez não está se mobili-

zando para impedir a votação, talvez por estar em final de mandato, não tenha se interessado", disse Hebert Tam, acrescentando que a Associação Comercial não iniciou a campanha deste ano, mas apenas encampou o movimento da associação de moradores do Parque Bom Jardim: "Na mobilização passada, erramos por deixar que os políticos capitalizassem o movimento".

O voto da massa — Desde o domingo, o assunto emancipação do povo belford-roxense vem sendo flagrado nas tendas e vielas dos muitos bairros do 4º Distrito, desde o Centro, onde está localizada a chamada elite da cidade, até as localidades de Gogó da Ema, Lote 15, Parque e São Vicente, famosos pela absoluta miséria. Heraldo Moraes, 27, morador há 13 anos no Bairro Jardim Bom Pastor, diz que, se depender de seu voto, "Belford Roxo já é município" e apresenta entre as razões de sua escolha a necessidade de independência e a possibilidade de livrar o local "de prefeitos como Paulo Leone". Seu vizinho Jair Rangel mostra grandes valas nas ruas; diz que embora Bom Pastor conste na Prefeitura como pavimentado, não viu asfalto até agora.

O Gogó da Ema, que já foi citado como um dos locais mais violentos do mundo, é uma conhecida área de desova de cadáveres. Não tem água, calçamento, escolas (apenas uma para as mais de 2 mil e 500 crianças que ali vivem), transporte, é um bairro mal iluminado. Segundo o proprietário do Bar Gogó da Ema, o paraibano Antônio Gomes Maria, de 50 anos, os políticos só aparecem por ali em época de eleições. Antônio, como outros moradores, não aceita a denominação de violento para o lugar. "Violência aqui é o total abandono por parte do município de Nova Iguaçu", ele diz.

No Lote 15, muitos vêem a emancipação como um sonho distante: "Seria bom que acontecesse" — comentou Maria de Fátima Ramos, 53 anos. O presidente da Associação de Moradores do Jardim Santa Luzia do Outeiro, Gabriel Valentin, está depositando na campanha de emancipação as esperanças de um melhor futuro: "No Vale do Ipê, somos 2 mil e 300 famílias. Não temos escola municipal, posto de saúde, saneamento básico, pavimentação, iluminação, além disso, apenas uma linha de ônibus passa por aqui".

■ A briga pela emancipação de Belford Roxo vem de anos, mas ganhou forças em 1984 com a aprovação, na Assembléia Legislativa, do projeto do deputado Eduardo Chuahy (FDT). O plebiscito — marcado para o dia 21 de abril de 1985 — teve, no entanto, um resultado desolador: dos 101 mil 862 eleitores, somente 34.278 compareceram às urnas. Com a falta de quorum foi marcada uma nova data, noventa dias depois, mas o assunto acabou engavetado, devido às pressões do prefeito Paulo Leone, radicalmente contra a emancipação do 4º Distrito.

Com a decisão do Tribunal Regional Eleitoral de marcar para o dia 12 de junho próximo novos plebiscitos para a Barra, Belford Roxo, e Quissamã, as campanhas de rua recomeçaram, desta vez voltadas para a periferia, onde vivem cerca de 520 mil habitantes, a quase totalidade de Belford Roxo. Segundo o presidente Hebert Tam do Comitê Pró-Emancipação essa é a grande chance do distrito conseguir a sua municipalização: "Se não for desta vez, na próxima será mais difícil, pois participarão todos os eleitores do Município de Nova Iguaçu", lembrou. (E.B.)

DIE KRIMINALITAET IN DER BAIXADA FLUMINENSE NIMMT ZU.

Im Jahre 1989 sind 7.654 Morde allein im Bundesstaat Rio de Janeiro polizeilich aufgenommen worden. Verglichen mit 1980 stieg die Zahl um 170% und im Vergleich mit 6.023 Morden im Jahre 1988 um 27%.

In der Dioezese Nova Iguaçu (in der Baixada Fluminense) verzeichnete die Polizei 1989 mehr als 1.900 Mordfaelle. Das waren 25% vom ganzen Bundesstaat Rio de Janeiro.

Nova Iguaçu umfasst ein Gebiet von 764 km mit 2 Millionen Einwohnern, von denen mehr als die Haelfte nur einen Mindestlohn verdienen. Sie wird als "Schlafstadt" bezeichnet, da 60% ihrer Bewohner in der Bundeshauptstadt Rio de Janeiro arbeiten und nur abends oder in der Nacht nach Hause zurueckkehren.

In der Baixada Fluminense macht sich immer mehr Angst und Schrecken vor den sogenannten Todesschwadronen unter der Bevoelkerung breit. Viele fuerchten sich, abends auf die Strasse zu gehen, um nicht mit Verbrechern verwechselt zu werden, die von solchen Schwadronen kaltbluetig erschossen werden.

Die Todesschwadron entstandt in den sechziger Jahren aus einer Spezialeinheit der Polizei des Praesidenten Getúlio Vargas. Angefuehrt wurde diese Gruppe vom Dedektiv Milton Lec Cocq mit der Philosophie, dass es besser sei, Banditen zu eliminieren, da sie nach ihrer Festnahme ja sowieso bald wieder auf freien Fuss gesetzt wuerden.

In den siebziger Jahren boten Polizisten und ehemalige Beamte den Geschaeftsleuten der Baixada Fluminense ihre Dienste als Sicherheitskraefte mit dem Motto "Ein guter Bandit ist ein toter Bandit" an. Als Erkennungszeichen tragen sie ein Emblem mit Totenkopf und den Initialen E.M. Seine Traeger behaupten, dass die Abkuerzung nicht Esquadrão da Morte sondern motorisierte Schwadron bedeute, die nur rein philanthropische Interessen habe und anderen Polizisten helfen wuerde.

Der Polizeichef von Belfort Roxo, Celso Bezerra, meint dazu, dass diese Schwadron anfangs die Geschaeftsleute schuetzte, sich spaeter aber zu einer Organisation entwickelte, die Diebe und Verbrecher verfolgte, um sie umzubringen. Es sei sehr schwer, solche Mordfaelle zu loesen, sagt der Polizeichef, da sich keine Zeugen finden, und die Leichen an fast unzulaenglichen Stellen versteckt werden.

Der Sekretaeer der Foederation des Einwohnerrates von Nova Iguaçu, Joao Batista de Assis, unterstreicht diese Aussage:

"Es ist schon zur Routine geworden, Leichen in Taelern oder auf abgelegenen Plaetzen zu finden. Wer zufaellig Augenzeuge solcher Exekutionen wird, muss damit rechnen, auch erschossen zu werden, um keine Zeugen zu haben."

In vielen Siedlungen kennen die Anwohner zwar die Mitglieder solcher Gruppen. Man huetet sich aber davor, sie bei der Polizei anzuzeigen, da ja auch Polizisten daran beteiligt sind. Ausserdem werden die einfachen Leute selbst von den Autoritaeten wie Banditen behandelt, da sie arm und schlecht angezogen sind.

Die Kommission fuer Gerechtigkeit und Frieden der Dioezese Nova Iguaçu, die schon seit 11 Jahren in diesem Gebiet arbeitet, will jetzt ein Dossier ueber diese Vorfaelle ausarbeiten, um es Amnesty International vorzulegen: "Hier lebt man in der Zivilisation der Angst. In einigen Siedlungen zwingen Banden die Bewohner dazu, sich um eine bestimmte Uhrzeit am Abend in ihre Haeuser zurueckzuziehen. Und es ist aeusserst gefaehrlich nach 9 Uhr abends auf die Strasse zu gehen.

Aber es gibt auch Gruppen (Todesschwadrone), die von der Bevoelkerung akzeptiert werden, weil sie ihr Sicherheit geben, sagt die Vorsitzende der Kommission Sada David."

Der Praesident der Vereinigung der Geschaeftsleute von Nova Iguaçu, Jose Coelho, macht fuer das Anwachsen der Gewalt die langsame Muehle der Justiz und das ungestrafte Davonkommen vieler Verbrecher verantwortlich. Die Unfaehigkeit der Polizei habe dazu gefuehrt, dass die Geschaeftsleute ein eigenes System zu ihrem Schutz aufgebaut haben, um das Problem der Ueberfaelle auf eigene Faust zu loesen.

Sada David vertritt die Idee, einen Rechtsbeirat zu gruenden, der die Taetigkeit der Todesschwadrone untersuchen sollte, um die Mordfaelle aufzuklaeren, deren Opfer oft nur kleine Diebe mit schwarzer oder dunkler Hautfarbe sind. Auch die Zahl von getoeteten Kindern nimmt immer mehr zu.

Die Mehrzahl der Bevoelkerung bejaht den Eingriff der Todesschwadrone, da es sich bei ihren Opfern um schlimme Elemente handle, die aus der Gesellschaft ausgemerzt werden muessten. Ausserdem truegen sie dazu bei, fuer die Sicherheit auf den Strassen zu sorgen.

QUELLE: Folha de Sao Paulo vom 26. August 1990 verschiedene Artikel ueber die Baixada Fluminense im Teil 'cidade' S.7 - 8.

Rainer Kroeger

Rua Itapecirica, 132

Prado - Recife, den 28. August 1990

... ist schon zur Routine geworden, jedoch in Teilen oft
auf abgelegenen Plätzen zu finden. Vor zufällige Ausgrabungen
sind zu warnen, da diese zu Schaden führen können, auch
wenn sie nur aus Neugierde vorgenommen werden.

In vielen Fällen können die Ausgrabungen nur die Nieder-
schichten zeigen. Man muß sich aber über die Lage der
Fundamente vergewissern, da sie nicht immer genau unter
den Fundamenten liegen. Die Fundamente sind oft aus
Stein oder Ziegeln erbaut, es sind also sehr
beständige Bauwerke.

Die Fundamente der Gebäude sind oft aus Stein oder
Ziegeln erbaut, es sind also sehr beständige Bauwerke.
Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke. Die Fundamente
sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut, es sind also
sehr beständige Bauwerke.

Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke.

Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke.

Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke.

Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke.

Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke.

Die Fundamente sind oft aus Stein oder Ziegeln erbaut,
es sind also sehr beständige Bauwerke.

Bibliothek
18251
Institut für Brasilienkunde
METTINGEN

CEDIM

Institut für Brasilienkunde